



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

VALÉRIA LEMOS DE SOUSA ALMEIDA

**PRÁTICAS DE LEITURA DE GRADUANDOS
DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**MONTEIRO - PB
2017**

VALÉRIA LEMOS DE SOUSA ALMEIDA

**PRÁTICAS DE LEITURA DE GRADUANDOS
DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras – Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Me. Bruno Alves Pereira

**MONTEIRO – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725p Almeida, Valeria Lemos de Sousa.
Práticas de leitura de graduandos do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba [manuscrito] : / Valeria Lemos de Sousa Almeida. - 2017.
73 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Bruno Alves Pereira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). 2. Habilidade de leitura . 3. Centro de Ciências Humanas e Exatas(CCHE) . 4. Formação de leitores .

21. ed. CDD 372.45

VALÉRIA LEMOS DE SOUSA ALMEIDA

**PRÁTICAS DE LEITURA DE GRADUANDOS
DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Letras – Língua Portuguesa

Aprovada em: 12/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Bruno Alves Pereira

Prof. Me. Bruno Alves Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielly d. Inô Espíndula

Prof. Dra. Danielly Vieira Inô Espíndula
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Adeilson da Silva Tavares

Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meu amado tio Irineu Agostinho de Sousa (*in memoriam*) que, infelizmente, não está mais entre nós para presenciar esse momento, mas que tem toda a minha gratidão, pois sem ele muitos dos meus sonhos não se realizariam.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que atribuiu a minha alma algumas missões pelas quais já sabia que eu iria batalhar e vencer. Por isso agradecer é pouco. Essa é só uma primeira etapa concluída, mas vou lutar até conquistar e vencer as outras mesmo tendo que cair e perder algumas vezes. O principal é viver pois essa é a minha maneira de Te agradecer todos os dias.

A meu pai João Agostinho, agradeço por ter me ensinado que eu devo sempre dar o melhor de mim em tudo que eu fizer e em qualquer situação. A minha mãe Gerlandia Lemos, agradeço por ser sempre um exemplo de força e por fazer do seu colo o meu refúgio. A união e força de vocês formou o que eu sou hoje - alguém que tenta colocar de maneira plena seu coração por completo em tudo o que faz. Obrigada por muitas vezes abdicarem de fazer coisas para vocês, para se dedicarem a mim. Gostaria de dizer que estar com vocês nessa vida é um grande privilégio que me enche de orgulho a cada dia que se passa. Sou grata por tudo, vocês são a minha vida e o motivo que me leva a lutar sempre!

A minha irmã Vitória, agradeço por todo amor e carinho, por ouvir minhas angústias e confidências e por ser a minha melhor companheira nessa vida. Deus foi muito bom comigo quando me deu você de presente. Obrigada por me ajudar a ser capaz de enfrentar novos desafios ciente de que você estará sempre ao meu lado, mesmo eu sendo chata e estressada (risos). Amo você.

Ao meu marido Igor, que representa a minha segurança em todos os aspectos, pois foi e é meu companheiro incondicional em todos esses anos. Agradeço pela paciência e por aguentar a distância, por todos os abraços espontâneos e tão necessários, especialmente, em tempos de muito nervoso na conclusão desse último ano na faculdade. Obrigada por fazer com que me sinta tão protegida e amada.

Agradeço a toda minha família, por acreditar em mim e por ter sido a base que eu sempre precisei para ir atrás de todos os meus sonhos. Vocês são incríveis e eu sou abençoada por ter cada um de vocês. Em especial agradeço a minhas tias Maurizete e Corrinha e meus tios Dilton e Irineu, vocês são os responsáveis por eu ter chegado até aqui, minha eterna gratidão

por terem pego o meu sonho para sonharem juntos e por não medirem esforços para realizá-lo apesar de todas as dificuldades no meio do percurso. Obrigada!

Estendo esse agradecimento a minhas tias Valdinete e Marcia que sempre cuidaram para que tudo desse certo e por acalmarem meu coração em meio as turbulências. E a minha avó Dona Maria, por toda ajuda, orações e amor. Amo vocês!

E como agradecer a minha dupla? Samarinha, sem você não teria sido tão bom essa conquista. Obrigada, amiga! Você foi o presente mais lindo que a UEPB me trouxe. Esses quatro anos não foram nada fáceis, mas a sua amizade sempre me deu a certeza de que venceríamos e, finalmente, estamos aqui. Essa só é a primeira de muitas conquistas. Tenha a certeza que essa dupla é a que “todos respeitam” e que vou levar você e nossas histórias para sempre. Te amo, amiga, irmã e parceira!

As amigas Cláudia Maria e Bianca que me acolheram com tanto amor e carinho. Muito obrigada! Vocês são amigas que eu vou levar para a vida inteira e que guardo no coração, os melhores sorrisos, as melhores vizinhas, as melhores “meninas de bem”, vocês são incríveis, amo as duas!

A meu orientador Bruno Alves Pereira, minha eterna gratidão! Agradeço pelas inúmeras horas de orientações, pelas conversas, conselhos, pela atenção e dedicação que teve com nosso trabalho. Você realmente foi um orientador e “mentor” com quem eu aprendi muito e tive a honra de ser aluna e orientanda. Obrigada, de todo coração!

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial, Adeilson Tavares, Danielly Inô, Jordão Joanes, Francicleide Liberato, Otacílio Gomes, Hermano Oliveira e Paulo Ávila. Admiro todos vocês e guardo cada um em um lugar especial no meu coração, obrigada por todos os ensinamentos!

A todos os melhores amigos, que nunca me abandonaram e entenderam minha ausência durante esse tempo e aos que fiz ao longo dessa trajetória acadêmica Denílson, Maiara, Samira, Mariana, Jeyza, Antônio, Segundo Janielly, Ewerton, Renato, Jacy, Jacquelyne, Gaby, Felipe, Niellyson e José Cristiano. Muito obrigada, pelas alegrias, sorrisos, tristezas e momentos compartilhados. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro tem o poder de

melhorar tudo o que tenho produzido nessa vida. Muito obrigada nunca será suficiente para demonstrar a grandeza do que recebi de vocês. Peço a Deus que os recompense à altura.

A todos os colaboradores dessa pesquisa agradeço, imensamente, pelo tempo disponibilizado para as entrevistas, pelo apoio e o carinho com que me trataram.

Agradeço a todos os funcionários do CCHE, seguranças, meninas da organização, coordenação de Letras, direção, bibliotecários e Lurdinha na xerox de todos os dias (risos) Obrigada pelos sorrisos e pelo cuidado que têm com todos os discentes, vocês são o CCHE! Obrigada!

Obrigada a todos que, mesmo não estando citados aqui, tanto contribuíram para a conclusão desta etapa e para a Valéria que sou hoje.

Minha eterna gratidão!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar a formação leitora e as práticas de leitura que são realizadas pelos graduandos do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especificamente, dos que estão ingressando e dos que estão concluindo seus cursos no semestre 2017.1. O trabalho tem uma natureza quantitativa que foi considerada tanto para a geração quanto para a análise dos dados. Esta pesquisa é ainda uma amostragem não probabilística intencional que fez com que a pesquisadora tivesse, ativamente, junto aos graduandos que são os interlocutores da pesquisa. Através do instrumento questionário foi traçado um perfil dos universitários dos cursos de Ciências Contábeis, Educação Física, Letras-Espanhol, Letras-Português e Matemática que, posteriormente, foram entrevistados. Optamos por trabalhar com dois graduandos de cada curso, um que estivesse ingressando e o outro concluindo somando, assim, 10 (dez) discentes. A fundamentação teórica está baseada em Chartier (2011, 1999), Batista (2011), Galvão e Batista (2011), que entendem as práticas de leitura numa perspectiva sociológica e histórica; e na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2015, 2011, 2008). Com a realização desta, concluímos que a formação leitora dos universitários, apesar de ser iniciada na escola, só é efetivada, de fato, dentro da universidade que se destaca como principal influência para a realização das práticas de leitura. Percebe-se que maioria das leituras dos graduandos está relacionada aos cursos acadêmicos e, assim, as práticas de leitura mais realizada por eles são as da universidade. Há um novo perfil de aluno dentro da universidade e há a necessidade de “letrar” esse novo perfil. Entendemos que a universidade tem uma grande responsabilidade não só na construção dessa formação, mas também nas relações e interferências que fazem em suas práticas de leitura. Sendo assim, a pesquisa indica a necessidade que a academia tem de pensar e apoiar as leituras realizadas por seus alunos, uma vez que o incentivo é um dos principais fatores que contribuem para a formação leitora desses graduandos.

Palavras-Chave: Leitura. Universitários. Formação. Práticas de leitura.

RESUMÉN

Este trabajo tuvo como objetivo investigar la formación lectora y las prácticas de lecturas que son realizados por los graduandos del Centro de Ciencias Humanas y Exactas (CCHE) de la Universidad Estadual de la Paraíba (UEPB), específicamente, de los que están ingresando y de los que están concluyendo sus cursos en el semestre 2017.1. El trabajo tiene una naturaleza cuantitativa cualitativa que fue considerada tanto por la generación cuanto para el análisis de los datos. Esta investigación sigue siendo un estudio de caso que hizo con que la investigación tuviese, activamente, junto a los graduandos que son proveedores de los datos. A través del instrumento cuestionario fue trazado un perfil de los universitarios de los cursos de Ciencias Contables, Educación Física, Letras-Español, Letras-Portugues y Matemática que, posteriormente, fueron entrevistados. Optamos por trabajar con dos graduandos de cada curso, un que estuviese ingresando y el otro concluyendo sumando, así, 10 (diez) discentes. La fundamentación teórica está basada en Chartier (2011, 1999), Batista (2011), Galvão y Batista (2011), que entienden las prácticas de lectura en una perspectiva sociológica e histórica, y en la pesquisa “Retratos de la lectura en Brasil” (2008, 2011, 2015). Con realización de esta, hemos concluido que el trabajo a cerca de las prácticas de lectura contribuye de una manera significativa porque a través de ella identificamos que la formación lectora de los universitarios a pesar de ser realizada en la escuela es solo efectiva de hecho dentro de la universidad, pues, esa es quien se destaca como principal influencia para la realización de esa práctica. Con eso, se percebe que la mayoría de las lecturas de los graduandos están relacionadas a los cursos académicos y así, las prácticas de lectura más realizadas por ellos son las de la universidad. Por lo tanto, hay un nuevo perfil de alumno dentro de la universidad y hay necesidad de letrarse ese nuevo perfil. Entendemos que la universidad tiene una grande responsabilidad no solamente en la construcción de esa formación, pero también en las relaciones e interferencias que hacen en sus prácticas de lectura. Siendo así, la pesquisa indica que la necesidad que la academia tiene que pensar y apoyar las lecturas realizadas por sus alumnos, una vez que el incentivo es uno de los principales factores que contribuyen para la formación lectora de esos graduandos.

Palabras clave: Lectura. Universitarios. Formación. Prácticas de Lectura.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos estudantes de graduação do CCHE colaboradores da pesquisa 20

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Comparação entre o número de leitores e de não leitores no Brasil (2011 – 2015)	26
Figura 2 – Significado da leitura para os brasileiros.....	27
Figura 3 – Frequência de ida à biblioteca (Estudante x Não estudante)	28.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Formação leitora na escola.....	31
Gráfico 2	Influências no desenvolvimento do hábito de leitura.....	33
Gráfico 3	Motivos para realização das práticas de leitura.....	35
Gráfico 4	Frequência das práticas de leitura de livros.....	37
Gráfico 5	Quantidade de livros lidos no ano de 2017.....	39
Gráfico 6	Tipos de leituras em andamento.....	41
Gráfico 7	Razões para escolha dos livros lidos.....	43
Gráfico 8	Tipos de livros preferidos.....	44
Gráfico 9	Tempo gasto na leitura de um livro.....	46
Gráfico 10	Tempo gasto diariamente com a Internet.....	48
Gráfico 11	Acesso aos livros digitais.....	49
Gráfico 12	Leituras realizadas no Facebook.....	50
Gráfico 13	Páginas curtidas no Facebook.....	52
Gráfico 14	Comunidades que participa.....	54
Gráfico 15	Leituras realizadas para os grupos religiosos ou de hobbies.....	55
Gráfico 16	Tempo dispensado às leituras da universidade.....	56
Gráfico 17	Tipos de textos acadêmicos lidos.....	58
Gráfico 18	Origens dos textos na universidade.....	59
Gráfico 19	Frequência a biblioteca.....	60

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	17
2.1 Natureza da pesquisa.....	17
2.2 Geração dos dados	19
CAPÍTULO 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
3.1 Práticas de leitura.....	21
3.2 Práticas de leitura no Brasil	25
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS.....	31
4.1 Formação leitora.....	31
4.2 Práticas de Leitura	35
4.2.1 <i>Práticas de leitura em geral</i>	35
4.2.2 <i>Práticas de leitura na universidade</i>	56
APÊNDICE A – PERFIL DOS ENTREVISTADOS	68
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	69
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	71

1 INTRODUÇÃO

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler na medida em que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida. (LAJOLO,1993, p. 07)

Somos leitores na escola e fora dela e nossas práticas de leitura se diferenciam de acordo com as condições subjetivas e objetivas em que nos encontramos, os espaços onde lemos, os objetivos que definimos, os suportes que temos em mãos, os interesses que nos movem, as comunidades leitoras com as quais nos identificamos, as práticas que herdamos e aquelas que reinventamos no cotidiano anonimamente. (BORTOLANZA, 2011, p. 103)

A leitura, geralmente, entra na vida das pessoas na mais tenra idade, seja através da audição, de histórias contadas no dia-a-dia ou da maneira mais comum para alguns que é partindo da escolarização. A escola é uma das maiores responsáveis por apresentar ou efetivar a leitura na vida da grande maioria das pessoas. Percebe-se então que, para o seu desenvolvimento e aprimoramento pessoal, a leitura se faz necessária sempre. No entanto, nem sempre é isso que acontece. A exigência desta habilidade no currículo faz com que todos sejam ou se sintam “obrigados” a possuí-la. Mas será que essa cobrança faz com que, de fato, todos gostem de ler? Será que só a realizam por que a reconhecem como realmente necessária? As respostas para ambas as perguntas fazem com que surjam diversas buscas e discussões para que se possa chegar a uma solução e mudar a concepção de alguns sobre essa prática.

Dentro das escolas, a leitura, por vezes, é feita de maneira mecânica e sem fundamento, ou seja, é realizada apenas para obtenção de nota ou para atividades. Precisamos, então, pensar em como interligá-la com a vida do indivíduo, visto que além de proporcionar conhecimentos faz com que o indivíduo desperte para outras realidades e aprimore o seu lado crítico. O que pode ser importante para a realidade escolar ou não escolar, tornando-se assim uma prática efetiva. No entanto, é comum ouvirmos constantemente a frase “não gosto de ler”. O difícil é entender como funciona esse não gostar, estando todos tão inseridos em uma era que nos coloca de frente com a leitura a todo momento. E é exatamente isso o que acontece: a prática de leitura é efetiva na vida de todos e está presente a todo instante mesmo que esses indivíduos não a apreciem. Seja nas leituras de uma revista, nas redes sociais ou nos aplicativos em seus aparelhos celulares. A maioria das coisas, atualmente, faz com que uma boa parte das pessoas tenham acesso – não só a pequenas leituras – ou ainda, muito provavelmente, no seu campo de trabalho. Por isso, é necessário que possua também além da oportunidade o interesse de ler. Porém, é evidente que para outra parte de

pessoas essa realidade não seja a mesma e o seu contato com a leitura seja mais restrito pela falta de acesso.

Mas, é no momento da sua formação profissional - em sua graduação - que o sujeito passa a encarar e a realizar a leitura com mais frequência, uma vez que essa é uma exigência constante dentro da academia. Acontece que o graduando tem de pensar e refletir sobre como foi e está sendo realizada a prática de leitura em sua vida, já que esse universitário é um profissional que tende, futuramente, a contribuir para formação de novos leitores. Portanto, este é o momento de questionar: quais são as práticas de leituras realizadas pelos graduandos durante sua formação? E por que passa a ser essencial e difícil para uma grande parte dos universitários ter esse contato frequente com a leitura, ainda mais com uma quantidade considerável de texto a serem lidos dentro da academia. Por isto, investigar a importância e como ela vem sendo realizada na graduação e fora dela pelo sujeito-leitor, faz com que possamos refletir e questionar como essa prática está presente na rotina e na vida de cada indivíduo.

É preciso conhecer os leitores e as leituras no ensino superior para repensar o papel da universidade como espaço social de circulação de práticas de leitura e de formação leitora, considerando o entorno universitário como lugar social e histórico de leitores e leituras, portanto espaço de múltiplas comunidades leitoras. (BORTOLANZA, 2011, p. 103)

Percebe-se, então, que a universidade coloca o graduando diante de uma carga enorme de textos e conteúdo. Fora essa exigência acadêmica, ainda há as leituras que são feitas em sua vivência externa ao meio acadêmico. É notável como as pesquisas para identificar as práticas de leitura de universitários têm crescido nos últimos anos e tendem a crescer ainda mais, devido a sua importância e a sua exigência não só acadêmica, mas social. Pensando de uma maneira geral, a prática de leitura, contribui em vários fatores e os estudos e buscas têm se intensificado para poder analisar quais os reais motivos dessa prática não ser tão satisfatória. Evidenciamos então, que há alguns trabalhos que foram desenvolvidos a respeito das práticas de leitura de universitários e apresentamos, a seguir, 2 (dois) deles que se familiarizam com nossas propostas.

Em pesquisa realizada durante seu pós-doutorado em Portugal no período de 2011 a 2013, Bortolanza (2011, p.103 – grifos da autora) buscou responder quais são os “*gestos, hábitos e espaços*” que constituem as práticas de leitura de universitários no ensino superior e quais as situações e os contextos de leitura que costumam caracterizar a universidade como espaço para a formação de leitores. Seu principal objetivo foi descrever o perfil-leitor dos universitários dos cursos de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Sua pesquisa visa contribuir para que se possa de alguma maneira repensar o

papel que a universidade tem, levando em conta o espaço de circulação de suas práticas de leitura e da formação leitora de futuros profissionais. Para tanto, a pesquisadora buscou, por meio de dados quantitativos e qualitativos, caracterizar o perfil leitor dos alunos e as suas práticas de leitura na universidade através de questionários e grupos focais com alunos concluintes. E, finalmente, com seus resultados comparar a realidade brasileira com a realidade portuguesa, por meio de observações que foram realizadas durante seu estágio de pós-doutorado em Portugal, na Universidade de Évora (UÉ), no último trimestre de 2011. Os resultados parciais¹ desta pesquisa mostraram que os alunos ao ingressarem na universidade são leitores em formação. Sendo assim, o papel da universidade é o de conhecer o perfil-leitor de seus alunos para contribuir no desenvolvimento da formação leitora em sala de aula e fora dela, com atividades intencionalmente organizadas e com situações de leitura que sejam mediadas por professores e alunos, com o propósito de construir comunidades que possam acolher os leitores em formação.

Na tese de doutorado intitulada *Do leitor imaginário às imagens de leitores em uma universidade carioca*, Pavão (2006) teve como objetivo confrontar as diferenças que existem entre as condições e as práticas de leitura de universitários que são de camadas sociais diversas, por intermédio de observação e de entrevistas. Ela identificou as razões e as principais diferenças nas leituras realizadas pelas diferentes classes que compõem os universitários. As classes mais favorecidas têm a leitura como uma prática de *hobbies*, lazer e uma maneira de ampliar seus conhecimentos e as menos favorecidas fazem uso dessa prática como suporte que dá acesso ao mundo e à realização profissional e pessoal, buscando tornar seu intelecto mais favorecido e conseguir, com isso, ir à luta contra as diferenças.

A autora ainda aponta que a universidade tem uma dimensão formadora na trajetória dos leitores, visto que muitos afirmam ter "aprendido" ou "começado a ler" dentro da universidade (2011, p.14). Continuando a tradição da qual os estudos de Bortolanza (2011) e Pavão (2006) são exemplos, a importância do nosso trabalho configura-se em pensar a leitura e conhecer o que os graduandos do Centro de Ciências Humanas Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) estão lendo e como a academia pode contribuir para o desenvolvimento dessa prática, uma vez que considerando que a leitura está inserida em uma prática diária na vida do universitário e sabendo a responsabilidade que a universidade tem na formação de leitores conscientes, considera-se que a leitura é um dos maiores meios para a compreensão e interpretação da vida e do mundo.

¹ Investigamos outras publicações. Embora tenhamos procurado com afincos outras publicações de Bortolanza que apresentassem os resultados finais, não as encontramos.

Assim, buscamos com essa pesquisa, responder às seguintes perguntas: I) *Como se deu a formação leitora dos graduandos do CCHE?;* e II) *Quais são as práticas de leituras realizadas pelos graduandos do CCHE da UEPB durante sua formação?* Para responder a essas perguntas, estabelecemos os seguintes objetivos: a) *Investigar como se deu a formação leitora dos graduandos até o ingresso na universidade;* e b) *Identificar as práticas de leitura dos graduandos dos cursos do CCHE que estão ingressando e saindo da universidade.*

O campus VI, que recebeu o nome de Pinto do Monteiro, em homenagem ao poeta e ícone da cultura popular, abriga, desde Junho de 2006, o CCHE. No referido centro, funcionam cinco cursos: Ciências Contábeis, Educação Física – por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – (PARFOR), Letras - Língua Espanhola, Letras - Língua Portuguesa e Matemática. Ao longo de uma década de funcionamento, esses cursos, já entregaram à sociedade profissionais competentes que têm promovido significativas mudanças em suas áreas de formação. Atualmente, o CCHE conta com um universo de mais de mil alunos, distribuídos entre os cinco cursos mencionados.

Este trabalho está estruturado em sete partes. Na primeira, encontra-se esta introdução. Na segunda, encontram-se as definições metodológicas que guiaram os movimentos que foram tomados para a realização deste trabalho. Já a terceira parte está dividida em dois momentos: no primeiro, abordamos um histórico das práticas de leitura no Ocidente, comparando o passado com o presente. Essa retrospectiva, que parte da Antiguidade, mostra-nos alguns dos caminhos trilhados pela leitura e como essa pode nos alcançar, pensando os diversos comportamentos sociais que envolvem o leitor e suas práticas. Esse levantamento teórico está pautado em autores como Chartier (2011, 2002), Batista (2011) e Galvão e Batista (2011). E, no segundo momento, observamos a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, comparando os dados dos anos em que foram realizadas (2007, 2011 e 2015) com o intento de analisar o que vem mudando de acordo com a pesquisa nas práticas de leitura dos brasileiros. Na quarta parte desse trabalho, encontra-se a análise dos nossos dados que está dividida em duas categorias, quais sejam: Formação leitora e Práticas de leitura. Para uma melhor compreensão e explanação que envolvem o nosso problema de pesquisa, a primeira categoria abarca o processo de formação de leitura que os graduandos tiveram até ingressar na universidade. E com a segunda categoria, que está subdividida em duas partes: 1) Práticas de leitura em geral e 2) Práticas de leitura na universidade, buscamos investigar as práticas de leitura que são realizadas pelos graduandos do CCHE. Na quinta parte, encontram-se as considerações finais, na sexta, está a listagem das referências bibliográficas e, por fim, na sétima parte, estão os apêndices.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Na sequência, apresentamos o percurso desse trabalho, optamos por utilizar a abordagem metodológica dividida em duas seções, são elas: 1.1 Natureza da pesquisa e 1.2 Geração dos dados. Na primeira subseção, está apresentado o método de pesquisa quanti-qualitativa que sustenta a geração e posterior análise, a amostragem não probabilística intencional e os dois instrumentos utilizados para a obtenção dos dados, o questionário e a entrevista.

Na segunda seção, estão os caminhos percorridos para a obtenção dos dados, como a escolha dos 10 (dez) colaboradores, a utilização das técnicas de entrevistas, a construção do questionário e o roteiro semiestruturado. Por fim, está a tabela com a apresentação dos dados coletados dentro dos questionários e o perfil dos universitários dessa pesquisa.

2.1 Natureza da pesquisa

Esta é uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, visto que as duas maneiras de abordagem foram consideradas e utilizadas para geração e para a posterior análise dos dados. São apresentados tanto os números que são os dados quantificáveis quanto a análise subjetiva das respostas às questões da entrevista e dos questionários. Os métodos qualitativos e quantitativos são complementares na visão Goldenberg (2003): "É o conjunto de diferentes pontos de vista, e de diferentes maneiras de coletar e analisar os dados (qualitativa e quantitativamente), que permite uma ideia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema" (GOLDENBERG, 2003, p. 62). Desse modo, entende-se que ambas abordagens podem ser utilizadas para a compreensão das práticas de leitura que estão em estudo.

A pesquisa foi realizada nos cursos existentes no Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que fica localizado na cidade de Monteiro. Propusemos um estudo não probabilístico intencional que teve como instrumentos a entrevista e o questionário.

A partir do momento em que os objetivos estão traçados, é necessário construir o caminho para alcançá-los e isso requer um bom instrumento de obtenção dos dados. O primeiro instrumento escolhido para esta pesquisa foi o questionário (APÊNDICE A) que teve como intuito traçar um perfil de cada um dos universitários e através das perguntas apresentar dados mais pessoais. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), é definido "como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por

escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. Neste caso, o questionário foi um instrumento que possibilitou coletar informações da realidade de cada sujeito, como a formação escolar, a renda e as atividades que exercem no seu cotidiano, visto que essas respostas contribuem para que a pesquisadora conheça e explore o perfil desses graduandos dentro desta pesquisa.

E o segundo instrumento foi a entrevista, considerada a mais pertinente para levar-nos às possíveis respostas e esclarecimentos, uma vez que possibilitou à pesquisadora ter um contato maior com os participantes e uma melhor compreensão sobre o fenômeno que constrói essa pesquisa.

Duarte (2004, p. 215) sinaliza que

[e]ntrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

Sendo assim, a entrevista precisa ter o momento de planejamento para que seja realizada de uma maneira eficiente por parte do entrevistador. “É um método que requer planejamento, preparo teórico e habilidade técnica no momento da coleta, da transcrição e da análise dos dados” (DUARTE, 2004, p. 191). Portanto, há um ponto que merece bastante atenção dentro dessa coleta que é o roteiro de questões elaborado usado como a base do trabalho de investigação na entrevista (APÊNDICE B). Contudo, não é interessante prender-se a ele a tal ponto que o faça perder alguns momentos delicados e de extrema importância para a pesquisa.

É importante então que esse seja um momento de troca, para que seja estabelecida uma ligação entre o pesquisador e o entrevistado para que não ocorra uma comunicação densa e complicada. É necessário estar atento a tudo aquilo que precisa ser dito, pensando sempre em cada pergunta que se faz ao entrevistado e em cada situação da pesquisa para que esteja de acordo com suas propostas, objetivos e o respeito que levou os participantes a aceitarem o convite de serem entrevistados.

Para a posterior análise desses dados, buscamos através de um procedimento descritivo-explicativo esclarecer e apresentar as possíveis respostas para as perguntas e objetivos. Sinalizamos que as pesquisas descritivas servem para observar, descrever características de certa população e analisar os fenômenos sem necessariamente apontar os fatos que acarretaram determinada situação. Já as pesquisas explicativas seriam as mais complexas uma vez que, ao

contrário da pesquisa descritiva, ela visa explicar determinados fatos e fenômenos. Segundo Gil (2007, p. 43), uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.

2.2 Geração dos dados

Inicialmente, foi necessária a escolha dos graduandos para a realização dos questionários e das entrevistas. Optamos por aqueles que estavam ingressando e que concluirão os cursos no semestre 2017.1. Portanto, serviram de colaboradores da pesquisa 10 (dez) estudantes universitários que são alunos dos cursos de Ciências Contábeis, Educação Física, Letras – Espanhol, Letras – Português e Matemática. É importante destacar que, após a elaboração do questionário, do roteiro para a entrevista e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C), foi realizada uma pré-entrevista com um graduando do CCHE para que se pudesse testar os equipamentos de áudio e a atuação da pesquisadora nas situações de contato com os futuros participantes, mas essa entrevista não foi utilizada dentro da pesquisa. Destacamos também que no momento do convite para as entrevistas, houve uma apreensão por partes dos universitários quando a pesquisadora solicitava a participação de alguns deles. Ficou evidente que os alunos que são ingressantes se disponibilizaram bem mais do que os que estavam concluindo.

A aplicação do questionário e as entrevistas foram realizadas em Setembro de 2017 com a distribuição de 2 (dois) graduandos por curso totalizando os 10 (dez) entrevistados. No momento da coleta, cada graduando respondeu a um questionário para que pudesse ser traçado o seu perfil e, posteriormente, houve o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos participantes que foram entrevistados na sequência. Destacamos que os dados, as respostas aos questionários, o termo e a entrevista, foram colhidos em ambientes dentro do CCHE em dias diferentes e individualmente com cada entrevistado. Ressaltamos ainda que não existiu delimitação de tempo para suas respostas, mas, em média, a entrevista durou, aproximadamente, 20 (vinte) minutos.

Apresentamos, a seguir, os dados obtidos com os questionários.

Quadro 1: Perfil dos estudantes de graduação do CCHE colaboradores da pesquisa²

Leitor	Curso / Situação no curso	Sexo	Idade	Ocupação	Cidade que mora	Tipo de instituição na qual cursou a Educação Básica	Renda familiar
LEITOR 1 (L1)	Ciências Contábeis (I)	F	22	Atendente de farmácia	Monteiro	Particular	1 a 3 salários
LEITOR 2 (L2)	Ciências Contábeis (C)	M	22	Estudante	Monteiro	Particular	1 a 3 salários
LEITOR 3 (L3)	Educação Física (I)	M	35	Professor	Monteiro	Pública	3 e 6 salários
LEITOR 4 (L4)	Educação Física (C)	M	38	Professor	Monteiro	Pública/Particular	1 a 3 salários
LEITOR 5 (L5)	Letras Espanhol (I)	F	21	Estudante	Amparo	Pública	1 salário
LEITOR 6 (L6)	Letras Espanhol (C)	M	21	Estudante	Sumé	Pública	1 salário
LEITOR 7 (L7)	Letras Português (I)	F	64	Estudante	Monteiro	Particular	3 e 6 salários
LEITOR 8 (L8)	Letras Português (C)	F	21	Estudante	Monteiro	Pública	1 salário
LEITOR 9 (L9)	Matemática (I)	M	22	Estudante	Monteiro	Pública / Particular	1 salário
LEITOR 10 (L10)	Matemática (C)	F	26	Estudante Bolsista do Pibid	Serra Branca	Pública	1 salário

Observamos que o alunado entrevistado dos cursos de Ciências Contábeis, Educação Física, Letras-Espanhol, Letras-Português e Matemática do CCHE é heterogêneo: são estudantes provenientes de outras cidades mas que, atualmente, residem em Monteiro-PB, cursaram a escolarização básica em instituições públicas e particulares. Percebe-se que os mais velhos são os que possuem uma maior renda familiar que é superior a um salário mínimo, somente 3 (três) entrevistados trabalham: 2 (dois) são os que já possuem formação superior – são professores – e (1) um é atendente de farmácia. Há ainda 1 (um) aposentado.

Posteriormente, realizamos a transcrição de trechos das entrevistas de acordo com as normas do Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (NURC) (DIONISIO, 2001, p.76). E dividimos os dados em duas categorias de análise, são elas: 1) Formação leitora e 2) Práticas de leitura. A segunda categoria está subdividida em: Práticas de leitura em geral e Práticas de leitura na universidade

² Siglas utilizadas neste quadro: (I) Ingressante; (C) Concluinte; (F) Feminino; e (M) Masculino

CAPÍTULO 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seguir, apresentamos a fundamentação dessa pesquisa em dois momentos, são eles: Práticas de leitura e Práticas de leitura no Brasil. No primeiro, abordamos um histórico que envolve as práticas de leitura através de uma comparação entre passado e o presente, a partir de Batista (2011) Chartier (2011, 2002) e Galvão & Batista (2011). Já no segundo momento, observamos as três edições da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2007, 2011 e 2015) para que segundo os resultados apresentados seja possível identificarmos as mudanças que vêm ocorrendo nas práticas de leitura dos brasileiros.

3.1 Práticas de leitura

Nos últimos anos, as discussões acerca das práticas de leitura têm crescido de uma maneira considerável, estando presente em escolas, congressos, livros e, principalmente, no ambiente acadêmico. A leitura foi sendo modificada e permanece passando por grandes mudanças, desde seus primórdios até a atualidade e, através disso, percebe-se que apesar de não ser responsável por compor uma área específica, ela é um objeto estudado por disciplinas diversas, como sinaliza Batista e Galvão (2011, p.11) ao afirmar que “a atenção à leitura ampliou-se, nas últimas décadas, para um conjunto de diferentes áreas de conhecimentos”. Por isso, fica evidente a necessidade que se tem em pensar “o ato de ler” para que possamos compreender como esse tem sido adaptado e as maneiras com a qual os sujeitos e as instituições têm contribuído com as suas mudanças que ocorreram na sociedade ao longo do tempo.

Segundo Batista (2011), há duas linhas de estudos quando se pensa em definir a expressão práticas de leitura. A primeira delas é originada de estudos sociológicos e históricos que buscam construir a situação da leitura de uma maneira mais concreta para que se possa abranger a criação e a situação que envolvem essa prática. Considera-se ainda, nessa linha, grupos sociais determinados para que se possa saber o que e quando se lê, quais os motivos que levam o sujeito a realizar essa prática, quais seus modos de leitura e com qual frequência é realizada. A segunda, de origem anglo-saxônica, é mais conhecida como estudos do letramento. E é realizada a partir de um evento que tem uma natureza mais concreta e abrange uma situação em que a escrita é uma parte importante dessa relação e de toda a sua interação, seja através do texto escrito ou da oralidade. Portanto, essas práticas de letramento e, conseqüentemente, as de

leitura, determinam algo que pode ser apreendido a partir de um evento em que os significados estejam entrelaçados ao letramento e o modo que este está relacionado com os processos sociais, bem como os padrões culturais que são responsáveis pelos usos da leitura e da escrita.

Neste trabalho, optamos por seguir a primeira linha desses estudos, em que analisamos as práticas leitura de universitários e como essa se difere a partir do meio em que estão inseridos os seus leitores e quais são as suas maneiras de socialização. Sendo assim, partimos da concepção de que se tem a leitura como uma prática cultural como aponta Chartier, ao tratar sobre o desejo de elucidar todos os efeitos desta que é imediata e “parece não poder jamais ter sido outra coisa senão aquela que é hoje para nós.” (CHARTIER, 2011, p.19). Portanto, é preciso repensar todos os fatores que contribuem (ou não) para a construção da formação de um leitor. E antes disto, propomos repensar as antigas e novas maneiras que envolvem a prática de leitura na sociedade através de uma matriz histórica, levantada por antigas tradições que eram realizadas e que já não ocorrem mais na atualidade. Para realizar a tentativa de breve compreensão, é necessário que seja feita uma centralização sobre o que envolve a história dessa prática no Ocidente.

Nesse momento, é importante destacarmos a considerável associação que se faz entre a história das práticas de leitura e a história dos suportes que contribuíram para a adaptação da escrita no decorrer dos séculos. No que se refere a essas mudanças, Chartier (2011, p. 20) sinaliza que “as formas de ler não estão, de maneira alguma, separadas das práticas de escritas ligadas a elas”. Portanto, percebe-se que os ajustes realizados nesses suportes, sem dúvidas, colaboraram diretamente para construir as práticas de leitura em cada época específica.

Percebe-se que a leitura favorece também a compreensão de determinados grupos e como esses têm durante tanto tempo compartilhado ideias e maneiras distintas de realizar leituras em cada época. Podemos, então, repensar nas mudanças que foram sendo sucedidas durante os séculos em relação ao ato de ler e como foram sendo adaptadas e facilitadas para cada contexto, sejam eles individualmente para cada sujeito pelas instituições ou nas relações sociais.

Na Antiguidade, as práticas de leitura eram um privilégio somente daqueles que possuíam um maior poder aquisitivo e, se pararmos para observar, nos dias atuais, veremos que essa realidade não mudou, pois ainda são poucos os que podem comprar livros ou ter acesso a bibliotecas. Porém, é comum ainda aquele “velho” discurso que a não realização das leituras se deve ao fato das pessoas não gostarem de ler. No entanto, diversos estudos comprovam que há, na verdade, uma falta de acesso muito grande. Em épocas passadas, os que seguiam vida religiosa, como os sacerdotes decoravam textos e os livros eram uma propriedade daqueles

líderes religiosos que não permitiam o acesso a outros indivíduos. Nesse contexto, pensando diretamente no acesso ao conhecimento que os livros trazem para as pessoas, e nas diversas habilidades que são desenvolvidas a partir dessas leituras, o escrito era tomado por medo de que as pessoas de outrora pudessem refletir o mundo de maneira diversa e, então, é compreensível o fato de determinados líderes terem apreendido a palavra escrita, uma vez que ela traz o poder da dúvida e os questionamentos que são carregados de diversas verdades que os que há possuíam não gostariam de passar adiante. Percebe-se, então, que a história do leitor sempre foi cheia de barreiras quanto ao acesso à leitura.

Ao longo do tempo, outras práticas foram sendo adaptadas, uma delas foi a passagem da leitura em voz alta para a silenciosa que foi considerada um dos acontecimentos mais importantes para que se pudesse ter a liberdade nas práticas leitoras (CHARTIER, 2002). A prática oral era realizada em voz alta para um determinado público com o intuito de levar esses textos adiante atingindo um número maior de pessoas. Mais adiante, sucedeu uma valorização da prática silenciosa de leitura que foi tomando um espaço individual. Essa prática era realizada, principalmente, pelos monges na Idade Média, que precisavam de silêncio e de locais para que pudessem realizar suas leituras e para que fossem realizados seus estudos. Desde então, essa prática de leitura silenciosa tornou-se comum, sobretudo após a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV que realizou, através da máquina de impressão tipográfica, uma revolução na realização da leitura e da escrita. Por muito tempo, a escrita teve maneiras de realizações muito limitadas e peculiares, por exemplo, os papiros egípcios, os ideogramas chineses, entre outras variadas formas de reprodução, cujo acesso era restrito a pequenos grupos de pessoas, geralmente escribas. E foi só a partir da invenção de Gutenberg que os livros passaram a ser distribuídos. No século XVIII, as feiras de livros em várias cidades europeias tornaram as práticas de leitura realmente populares. Basta dizer que a leitura de panfletos e escritos filosóficos dos Iluministas mobilizou, em grande parte, os burgueses da França à ação revolucionária de 1789. E essas feiras trouxeram para a população as publicações da literatura de massa, dos jornais, folhetins e etc. A partir de então, houve um crescimento no número de leitores e de pessoas alfabetizadas.

Atualmente, nossos universitários, que são os sujeitos dessa pesquisa, têm passado por mudanças e herdaram maneiras de ler que tiveram outros tipos de revoluções, sendo elas as eletrônicas, aquelas dos textos que vêm subvertendo as práticas de leitura, tirando do leitor o contato físico com a materialidade do livro e substituindo pela tela do computador. Na leitura virtual, o papel do leitor amplia-se ao permitir outras formatações, fazer recortes, alterar o texto, tornar-se coautor do texto. Com isso, as exigências do meio social passaram a fazer com

que os textos estejam cada vez mais curtos e diretos. A praticidade que nos rodeia faz com que nossas leituras sejam mais breves. Porém, na escolha do impresso, ainda é muito recorrente a valorização de determinadas obras que são as exigências das instituições escola e universidade, aquelas que são vistas como ideais. Sobre esse aspecto, Batista e Galvão (2011) esclarecem que muitos identificam “a leitura à leitura de um *corpus* de textos dignos de serem feitos, isto é, às características e às funções da modalidade de leitura valorizada pela tradição cultural” (BATISTA & GALVÃO, 2011, p. 16). Portanto, entendemos que todas as leituras realizadas têm a sua importância.

Percebe-se, então que a relação que temos hoje com a leitura está intimamente associada às construções de hábitos sociais dependentes da tecnologia, através do uso do computador e do acesso à Internet. Sendo assim, entendemos que a tecnologia trouxe para a sociedade um novo incentivo para a realização da leitura mesmo que indiretamente.

Sendo assim, entendemos que o trabalho com a leitura é importante e possibilita a compreensão das relações que existem no mundo, uma vez que é através dela que podemos compreender o presente e modificá-lo. Considera-se ainda que há em diferentes grupos de estudiosos seus significados e representações. Porém, a prática de leitura, em algumas abordagens, tem uma tendência a lidar com a leitura em um acontecimento concreto e que ocorre por leitores reais e desta maneira é dada a continuidade dos trabalhos sociológicos (BATISTA & GALVÃO, 2011, p. 13). Portanto, o estudo que envolve a leitura é de infinitas possibilidades e permite inúmeras interpretações, pois há diferentes recepções de uma pessoa, ou grupo com um texto, e quanto a isso Chartier enfatiza que “com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura” (CHARTIER, 2011, p. 20). Compreendemos então que, a partir de suas próprias referências, cada sujeito imprime um sentido e uma forma diversificada para cada texto que se apropria, para cada gesto e para cada espaço em que realiza as suas leituras e assim se configura a importância de trabalhar a história dessa prática.

Por fim, percebe-se então, que a partir de todas essas mudanças são recorrentes os estudos acerca de tudo o que envolvem a leitura, ou seja, temos uma “tradição de estudos sociais sobre a leitura que tende a estar baseada em expectativas bem determinadas” como apontam Batista & Galvão (2001, p. 15). E são através delas que podemos compreender o que vem ocorrendo atualmente na formação e práticas de leitura na sociedade como, por exemplo, o que afastaria ou aproximaria uma determinada população da cultura associada ao impresso. (BATISTA & GALVÃO, 2011)

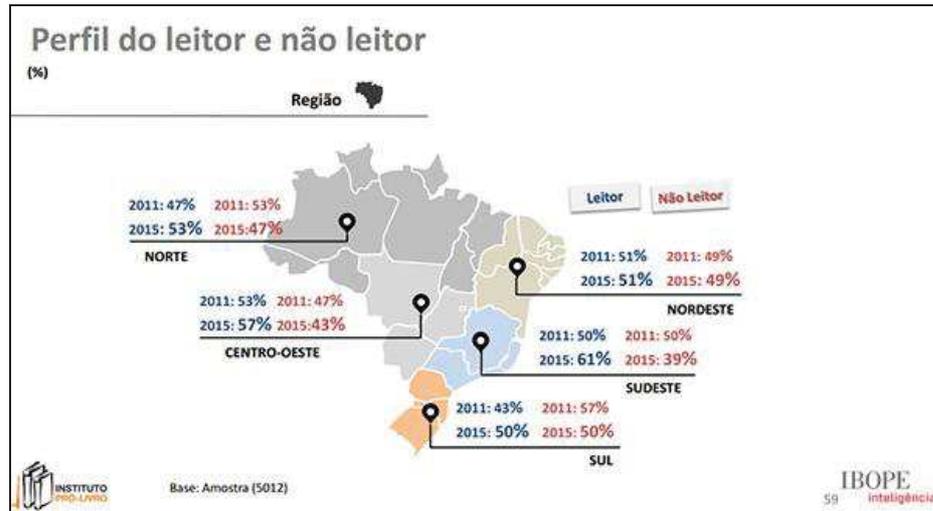
Sendo assim, essa perspectiva sociológica sobre a leitura serviu para respaldar uma reflexão acerca do que envolve as práticas de leitura dos graduandos do Centro de Ciências Humanas e Exatas.

3.2 Práticas de leitura no Brasil

A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” é uma iniciativa do Instituto Pró-Livro (IPL) – uma organização não-governamental criada e mantida pelas principais entidades do livro no país, em resposta à desoneração fiscal do livro, assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva em fins de 2004. O Instituto Pró-Livro foi criado no final do ano de 2006 pelas entidades do livro – Abrelivros, Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de livros (SNEL), com o objetivo principal de avaliar e refletir sobre a leitura e a difusão do livro na sociedade brasileira tendo como propósito trazer a cultura e a educação como bases para a população. Atualmente, o IPL, mantido pelas entidades fundadoras e pelas contribuições voluntárias que são dadas por editoras, realiza periodicamente a pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil”, cuja primeira edição aconteceu em 2001. Somente a partir de 2007, em sua 2ª edição, que a pesquisa passou a ser realizada pelo IPL adotando metodologia de padrão internacional (CERLALC-Unesco). (cf. AMORIM, 2008; FAILLA, 2016, 2012)

Essa pesquisa é considerada o mais completo estudo sobre o comportamento do leitor brasileiro e visa avaliar impactos, orientar as políticas públicas do livro e da leitura, promover reflexões e estudos sobre os hábitos do brasileiro e, desta forma, melhorar os indicadores que envolvem essa prática. O IPL e a pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” unem-se com a missão de compreender e ajudar o Brasil a se transformar em um país formador de leitores. E, para isso, é realizado um levantamento de dados no decorrer de alguns anos para que se possa mobilizar e conscientizar a sociedade sobre a importância da prática e sobre a necessidade que se tem de melhorar a imagem da leitura no Brasil. Na pesquisa, é considerado leitor aquele que tenha lido parcial ou totalmente algum livro nos últimos três meses. O que podemos observar é que houve um aumento considerável no número de leitores no Brasil, visto que, em 2011, um brasileiro lia quatro livros por ano, já em 2015, o índice chegou a 4,96. A seguir, é apresentada a divisão desses leitores por região comparando os anos de 2011 e 2015.

Figura 1 – Comparação entre o número de leitores e de não leitores no Brasil (2011 – 2015)



Fonte: Reproduzido de Failla (2015, p. 59)

Observa-se na figura 1 que o índice de leitores nas regiões Norte, Centro-Oeste, Sul e Sudeste aumentou em comparação à pesquisa de 2011. Já o Nordeste manteve-se estável quanto ao número de seus leitores. Sendo assim, podemos inferir que há uma melhora significativa no índice de leitores nas regiões brasileiras e esse é um ponto positivo marcado dentro da pesquisa realizada no ano de 2015.

A pesquisa ainda aponta que, nos últimos anos, houve um aumento no número de brasileiros com Ensino Médio e com Ensino Superior e isso pode ser uma das possíveis explicações da melhoria do perfil de leitura do brasileiro. Os mais escolarizados, que têm mais acesso a diversos materiais de leitura, permanecem lendo mais do que os que têm um menor grau de escolarização. De acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) citado na pesquisa, apesar de todo o percentual da população alfabetizada ter passado de 61%, em 2001, para 73%, em 2011, só 1 em cada 4 brasileiros é capaz de dominar plenamente as habilidades de leitura e escrita.

Passemos agora para a apresentação de um aspecto também investigado pela pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”: a identificação dos principais influenciadores no desenvolvimento de práticas de leitura. Geralmente, as influências para a realização dessas práticas vêm de pessoas próximas como, por exemplo, algum familiar, professor em especial, amigos e etc. A pesquisa em 2015 revela que apenas um terço dos brasileiros teve influência de alguém na formação do seu gosto pela leitura, podendo ser a própria mãe ou algum responsável do sexo feminino. A quantidade que indica o pai ou algum responsável do sexo masculino da família como leitor é bem inferior. A pesquisa ainda deixa evidente que, para influenciar o

hábito de leitura dos filhos, o grau de escolaridade dos pais também deve ser considerado: pais com maior nível de escolaridade tendem a influenciar mais os filhos a praticarem a leitura. O professor é a figura que também está associada como uma das influências mais citadas e a pesquisa indica que este tem um grande impacto no indivíduo ser ou não ser um leitor.

Ao compararmos a pesquisa nos anos de 2007 e 2011, é possível perceber que houve um aumento nas respostas positivas quando relacionadas à leitura, conforme é possível visualizar na figura 2, abaixo.

Figura 2 – Significado da leitura para os brasileiros



Fonte: Reproduzida de Failla (2015, p. 86)

O índice dos sujeitos que veem a leitura como uma fonte de acesso ao conhecimento foi de 42%, em 2007, para 64% em 2011. Para os leitores que acreditam que a leitura é uma fonte de crescimento profissional, a mudança no índice foi de 17% para 41%. Já o número de pessoas que afirmam identificar a leitura como uma atividade que é prazerosa foi de 8% para 18%. Constata-se então que a leitura é apontada como uma forma de acesso, conhecimento e melhoria social e ainda é realizada como uma atividade bastante prazerosa. Portanto, observamos que a leitura tem sido vista menos negativamente e mais positivamente com o passar dos anos.

O que tem motivado a população a ler é um ponto bem importante também analisado pela pesquisa. Fica evidente que os brasileiros têm escolhido suas leituras, principalmente, por gostos pessoais e para se atualizar, semelhante ao que se pode perceber nas edições anteriores. Em 2008, 77,7% dos entrevistados afirmaram que sentiam prazer em ler e 22% liam por obrigação. Em 2015, pouco menos de um terço dos brasileiros afirmou gostar muito de ler, por

outro lado, pouco menos de um quarto não gosta e este grupo é composto por 43% de indivíduos.

Segundo a pesquisa, os locais de realização da leitura também sofreram mudanças. Observa-se que antes era mais comum realizá-las em casa, no conforto do quarto ou em algum lugar tranquilo onde o leitor não seria incomodado, era um lazer e um momento em que o leitor se retirava e se dedicava exclusivamente aos seus livros. Porém, com o passar dos anos e a mudança de alguns costumes, houve uma interferência nessa prática: se comparada ao passado, a leitura passou a ser realizada em qualquer ambiente podendo ser em locais públicos ou não, conforme o tempo disponível permite. Acontece que a população tem preferido outras formas de lazer e ocupação e, quando se entretém em ler algo, faz de qualquer maneira e em qualquer local.

A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” também investigou o uso das bibliotecas. Há muito, as bibliotecas são consideradas outra fonte importante para que se tenha o contato com a leitura. De acordo com a pesquisa, o brasileiro tem visto a biblioteca somente como um espaço de estudo e pesquisa e aquele local onde pode fazer o empréstimo dos livros. Cerca de 55% dos entrevistados conhecem alguma biblioteca pública, mas cerca de 66% da população não frequenta bibliotecas, apontando como justificativas a falta de acesso e de costume.

Figura 3 – Frequência de ida à na Biblioteca (Estudante x Não Estudante)

(%)	2015	TOTAL	Está estudando	Não está estudando
Base: Amostra		5012	1337	3675
Sempre		5	12	2
Às vezes		15	35	8
Raramente		14	18	12
Não frequenta biblioteca		66	35	78

Fonte: Reproduzida de Failla (2015, p.115)

Pode-se perceber que, apesar dos leitores indicarem a relevância das bibliotecas, esses espaços sofrem seus altos e baixos em relação aos leitores, seja pela falta de costume em frequentar ou pelo fácil acesso que se tem aos materiais nos novos meios digitais. Constata-se de acordo com o gráfico que, em 2015, a frequência dos leitores é muito abaixo do desejado, uma vez que apenas 5% têm o hábito de frequentar uma biblioteca. A pesquisa ainda conclui que, no geral, os brasileiros veem a biblioteca como um espaço de estudo e pesquisa. Contudo,

cerca de 29% dos entrevistados também acham que ela é apenas um local para o empréstimo de livros.

Ainda de acordo com a pesquisa, as leituras mais frequentes têm sido as mais curtas como, por exemplo, os jornais que são indicados como mais lidos e os livros bem menos. Percebe-se também que o grau de escolarização tem forte influência para essas escolhas de leituras: a pesquisa indica que quanto maior for o grau de escolarização e quanto mais adultos são os indivíduos, mais complexos serão os livros escolhidos. Os temas religiosos têm sido os mais lidos e procurados pelos adultos. Em 2015, cerca de 30% dos entrevistados afirmaram nunca ter comprado um livro. Geralmente, quanto maior o grau de escolaridade, maior as compras de livros que são realizadas em lojas físicas ou virtuais.

Com a correria do dia-a-dia e o excesso de tarefas realizadas ao mesmo tempo pelos brasileiros, percebe-se que o acréscimo de atividades na Internet teve um aumento considerável. Com o uso de computadores, *tablets*, celulares e afins, fica evidente que, através desses suportes, é facilitada para uma parte das pessoas a prática de leitura. E esse fenômeno cresce entre todos leitores e não leitores e contribui para um acesso mais acelerado e seu tempo mais ocupado. Com isso, a Internet traz consigo as pequenas ou longas leituras no *Whatsaap*, *Facebook*, *Twitter* ou livros digitais que chegam aos leitores em grande parte sem custo algum. A pesquisa revela que a proporção dos leitores usuários de Internet é superior a 81% em 2015 e entre esses leitores estão os que realizam as leituras de livros digitais.

A maioria dessas leituras eletrônicas é realizada através dos celulares, e o que mudou da edição da pesquisa de 2011 para 2015 é que os livros eletrônicos são adquiridos, na maioria das vezes, pelos usuários de forma gratuita e isso é um fator que faz muita diferença, uma vez que o preço dos livros é uma das críticas mais constantes entre os leitores.

A partir disso, concluímos que os brasileiros estão progredindo no quesito leitura, apesar de algumas dificuldades. Houve um aumento da escolaridade média da população e com isso houve uma redução na proporção de analfabetos e indivíduos sem escolaridade, o que pode ter provocado um aumento no índice de leitores. Os resultados da pesquisa reforçam que o hábito de leitura é uma construção que vem desde a infância e é bastante influenciada por outras pessoas em especial, os familiares, como mães. Os leitores que tiveram mais experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas são os que influenciam outros sujeitos a ler atualmente. Percebe-se também que o público em geral deixou de ver a leitura como uma obrigação e passou a realizá-la com uma maior frequência tendo o gosto e o conhecimento como os principais fatores que os motivam a ler. Os livros religiosos, principalmente, a Bíblia, são os mais lidos pelos brasileiros, independente do fato de estarem

estudando ou não. as bibliotecas são pouco utilizadas, exceto as das universidades ou de escolas. A maioria de seus frequentadores as veem apenas como um espaço para fazer pesquisas e para o empréstimo de livros quando necessário

E, por fim, o tempo livre é outro fator importante, pois os entrevistados alegam estarem cada vez mais ocupados por uma variedade de atividades e o destaque em 2015 está no uso da Internet e das leituras realizadas através delas e de outras atividades no computador ou no telefone celular.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

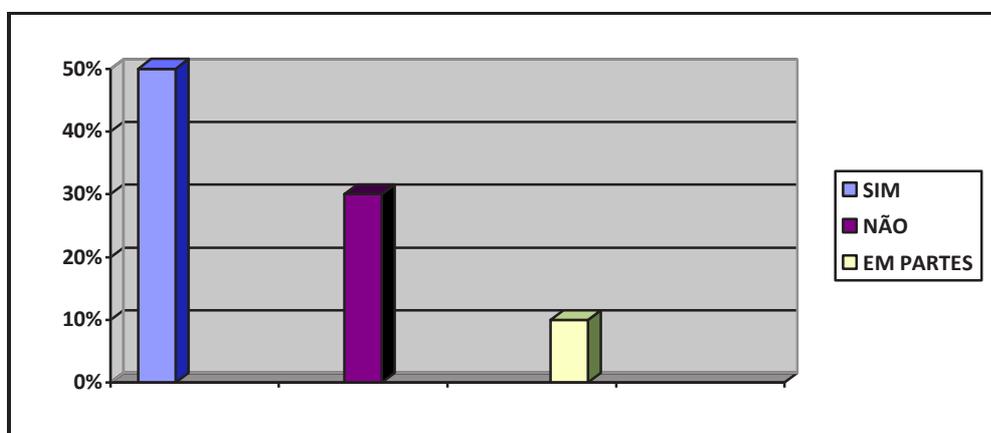
Apresentamos, a seguir, os dados colhidos e propomos para as análises aqui empreendidas, dividi-los em dois momentos, são eles: Formação leitora, em que buscamos investigar como foi realizada essa formação dos universitários desde o ensino básico até sua entrada na universidade. E o segundo momento, dedicado às práticas, em que propomos identificar quais as leituras que os graduandos realizam em diferentes contextos. Subdividimos esse segundo momento em 4.2.1 Práticas de leitura em geral e 4.2.2 Práticas de leitura na universidade.

4.1 Formação leitora

Nesse primeiro momento, buscamos investigar as histórias das práticas de leitura que fizeram parte da formação dos estudantes do CCHE, desde a sua escolarização até a sua inserção na universidade. Observamos, principalmente, o papel da escola e da família na formação desses leitores

Inicialmente, perguntamos se **a escola exerceu um papel importante na formação leitora desses universitários**. Buscamos relacionar essa prática ao ambiente escolar e identificar se esse foi propício em termos de contribuição para formar seus discentes bons leitores. E para essa pergunta, obtivemos respostas sim, não e em partes, referentes a essa fase da vida e ao incentivo existente dentro da escola. As respostas estão expressas no gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Formação leitora na escola



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Percebe-se que 50% dos discentes consideram que a escola contribuiu para a sua formação leitora, 30% acreditam que não e os outros 20% afirmaram que em algumas partes a escola pode ter auxiliado, mas que ainda assim tiveram falhas ou deixaram a desejar quanto a essa prática. No entanto, fica evidente que há uma divisão nesse sentido, pois mais da metade dos entrevistados considera a escola como um espaço de sua formação como leitor, uma vez que alegam terem sido motivados, apesar das dificuldades existentes, pelas oportunidades que foram criadas para a realização de leituras dentro de suas respectivas escolas, como destacam os seguintes leitores ao responderem a primeira pergunta.

L2 sim... eles incentivavam muito mas.... muitas vezes:: eles optavam por assistir o filme do que colocar para ler

L7 ah: sim... a minha escola do:: quando estudei que era uma escola religiosa... de ordem religiosa contribuiu muito na minha formação como ser humano

De acordo com os leitores citados, percebe-se que a escola foi importante para sua formação como leitor, porém observamos que o LEITOR 2 sinaliza a preferência que se tem pelas adaptações que eram mais frequentes em sua escola. Em contrapartida, o LEITOR 7 ressalta o quanto a sua escola foi imprescindível não só na sua figura quanto leitor, mas em toda a sua formação como pessoa. Tradicionalmente, temos visto uma forte influência de escolas religiosas no desenvolvimento de práticas de leitura entre seus alunos, como aponta o LEITOR 7.

Por outro lado, há uma quantidade de graduandos que não considera a escola como um espaço de formação leitora e que justifica isso pelo fato de não ter tido contato com livros ou por não participarem de momentos e situações dentro das escolas que contribuíssem para realizarem leituras, como sinalizam os seguintes leitores.

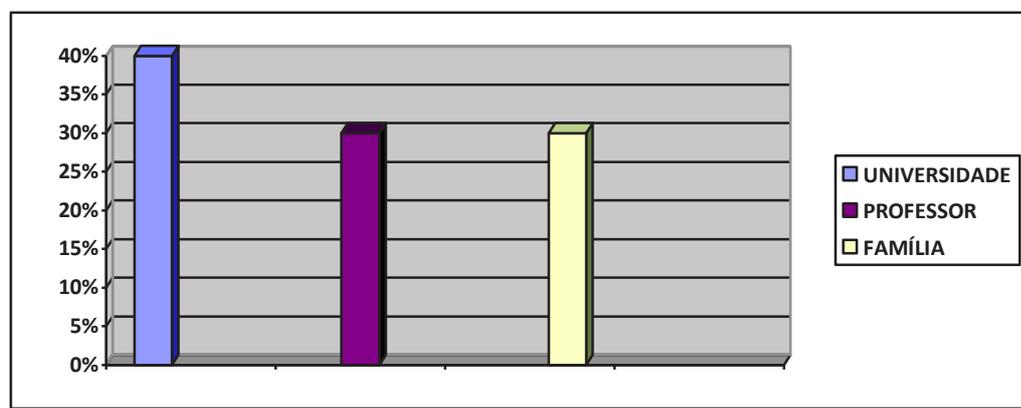
L4 hum... não... eu vim descobrir isso quando eu cheguei na faculdade

L6 não... na minha formação leitora não... porque ela não incentivava nenhum aluno a ler... de certa forma não

Para o LEITOR 6, a escola não teve qualquer representação positiva na sua construção como leitor e, através disso, é possível inferir que, para alguns, esse ambiente não foi um colaborador ativo para o processo de leituras. E há uma forte crítica à falta de incentivo da escola, uma vez que não era disponibilizado tempo para realizá-las e não eram criadas oportunidades para seus discentes adquirirem essa aptidão e gosto por essa prática. Fica evidente também que, para o LEITOR 4, a sua constituição como leitor se deu dentro da universidade. Com isso, esse sujeito transfere para o ambiente acadêmico o mérito de seus novos conhecimentos e da sua formação como leitor mesmo que para alguns o ambiente escolar não tenha sido uma colaboradora dessa formação leitora. Em outro momento, podemos observar que a figura do professor aparece como um dos incentivadores dessa prática.

Como podemos ver a seguir, a universidade é quem tem mais destaque e foi um dos mais apontados como incentivador dessa prática, como foi afirmado pelo LEITOR 4 na pergunta anterior. Podemos então perceber que, quando questionados sobre **quem teve influência no hábito de leitura**, as respostas mais recorrentes dos entrevistados foram a universidade, o professor e a família, como representado no gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Influências no desenvolvimento do hábito de leitura



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

A maior concentração de incentivo à leitura está na universidade, o que sugere que o ambiente acadêmico tem tido um significado bastante importante na formação dos discentes como leitores, como é colocado por 40% deles. Já a figura do professor e da família aparecem cada uma com 30% das influências positivas à prática de leitura. Esse dado, portanto, nos mostra que, apesar do graduando chegar à universidade em uma fase já mais avançada, adultos,

e que talvez estejam com uma bagagem de incentivo à leitura menor que do que se espera, isso não significa que ele esteja condenado a permanecer nessa condição. Pelo contrário, como indicado pelos alunos entrevistados dos cursos de Ciências Contábeis, Educação Física, Letras-Espanhol, Letras-Português e Matemática, é possível ser incentivado à leitura e tornar-se um bom leitor na universidade, mesmo que não tenha sido em outros momentos de sua formação e que para alguns a prática para ser efetivada dentro da academia venha com uma carga maior de dificuldade, já que agora as leituras são específicas de seu curso e exigem do graduando uma forma de ler mais madura.

Percebemos que, de modo semelhante à pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, os entrevistados também afirmaram ter sofrido a influência de alguém na formação do seu gosto pela leitura, sendo algum familiar (ou responsável) ou professor.

L1 a universidade:: por causa das atividades é que me incentiva... é que são exigidas mas:: antes não... não tive incentivo algum

L6 é... o curso de Letras assim::: puxa muito a leitura... então:: eu particularmente quando entrei no curso não lia não gostava de ler... mas com:: o hábito de ler todos os dias... todos os dias... eu peguei o costume de ler

Os estudantes entrevistados alegam ter modificado a sua prática de leitura ao adentrarem na universidade, como aponta o LEITOR 6 que afirma ter sido motivado em seu curso que exige muito dele em termos de leitura e que, só por esse motivo, tornou-se um leitor assíduo. Sendo assim, ambos os leitores sinalizam que sofreram influência do curso e dos professores que o impulsionaram a uma atitude possivelmente oposta ao que tradicionalmente foi vivenciado por eles na educação básica. Mas é importante destacar ainda que a figura do professor, aqui apresentada por 30% dos entrevistados, diz respeito tanto a professores do período de educação básica quanto a professores específicos citados pelos leitores entrevistados que fazem parte do ambiente acadêmico.

Os nossos dados corroboram as posições de Bortolanza (2011) e Pavão (2006) que apontam a universidade como um espaço de formação de leitores. Mas essa exigência que a universidade propõe ao graduando talvez não signifique uma formação diferente da que já foi

realizada na Ensino Básico, pois não há uma sistematização da prática em sua formação como leitor.

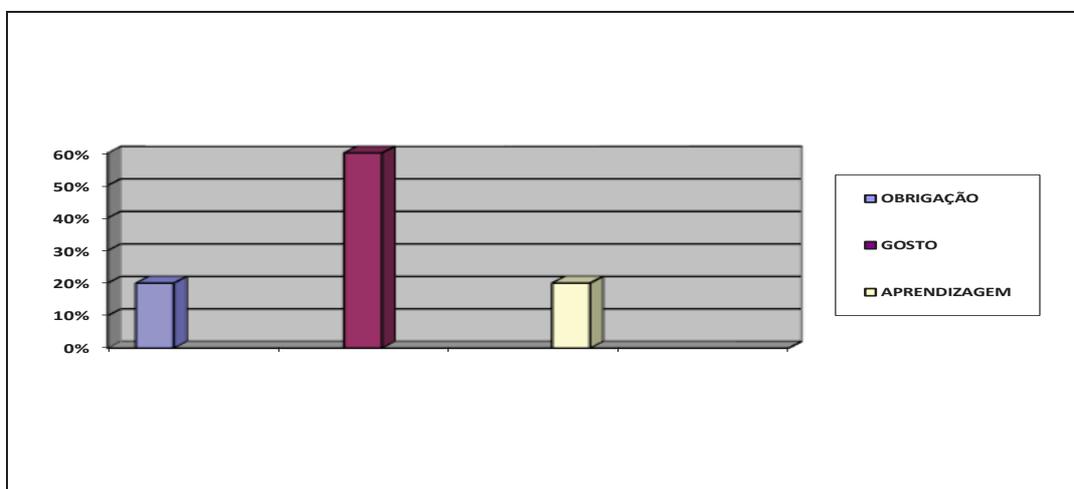
4.2 Práticas de Leitura

Este segundo momento foi dividido em duas subcategorias, quais sejam: 4.2.1 Práticas de leitura em geral e 4.2.2 Práticas de leitura na universidade. Na primeira subcategoria, agrupamos questões sobre os conceitos que envolvem o significado da prática de leitura para esses universitários, as razões para realizá-las, a quantidade de livros lidos, as razões que os levam a ler e o tempo gasto nessas leituras. Abordamos também questões relacionadas às comunidades que os entrevistados participam e às leituras em dispositivos eletrônicos ou feitas em redes sociais. Na segunda subcategoria, buscamos identificar as maneiras que os universitários realizam as leituras acadêmicas, os tipos de materiais que utilizam para as suas leituras e a frequência nas bibliotecas.

4.2.1 Práticas de leitura em geral

Questionamos os alunos acerca dos **motivos que os levam a realizar uma leitura**. Para essa questão, apresentamos algumas alternativas como: obrigação, prazer, adquirir conhecimentos, outros e pedimos que explicassem sobre as suas respostas.

Gráfico 3 – Motivos pra realização das práticas de leitura



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Observa-se que 60% dos entrevistados afirmam ler por gosto, 20% por obrigação e os outros 20% para adquirir conhecimentos. Nota-se que os participantes dessa entrevista dentro dessa questão, particularmente, foram bem sucintos em suas informações, pois prenderam-se as alternativas que foram dadas pela pesquisadora. Com isso, não obtivemos respostas dos motivos que os levem a gostar de ler, mas uma resposta fixa de que gostam sem dizer o real motivo. Já os que afirmam ser obrigados a praticar a leitura jogam essa responsabilidade para a universidade uma vez que, segundo eles, há uma exigência diária de textos para serem lidos e discutidos, posteriormente, em sala de aula.

Percebemos, com isso, que, apesar de ver a universidade como uma instituição que contribui muito em sua formação leitora, há uma dose de ironia ao culpá-la por serem obrigados a inserir a leitura em sua rotina como se isso não fosse algo tão bom assim. Portanto, percebemos uma contradição: os graduandos que afirmaram gostar de ler dizem, agora, que se sentem obrigados a realizarem determinadas leituras. Os que utilizam a leitura para adquirir conhecimento são aqueles sujeitos que já estão inseridos em um ambiente de trabalho e buscam aprender cada vez mais e por isso veem a leitura como uma forma de acesso e de realização para abrir novos caminhos. A seguir, observamos como os estudantes justificam suas respostas.

- L1** agora eu tô lendo mais mas antes eu não lia de jeito nenhum... não gostava mesmo
P mas você lê mais por obrigação ou por que gosta?
L1 não... agora eu tô gostando mais... tô despertando esse conhecimento porque antes eu não lia... de jeito nenhum

-
- L8** às vezes por necessidade... às vezes por tá buscando conhecimentos e às vezes por prazer
-

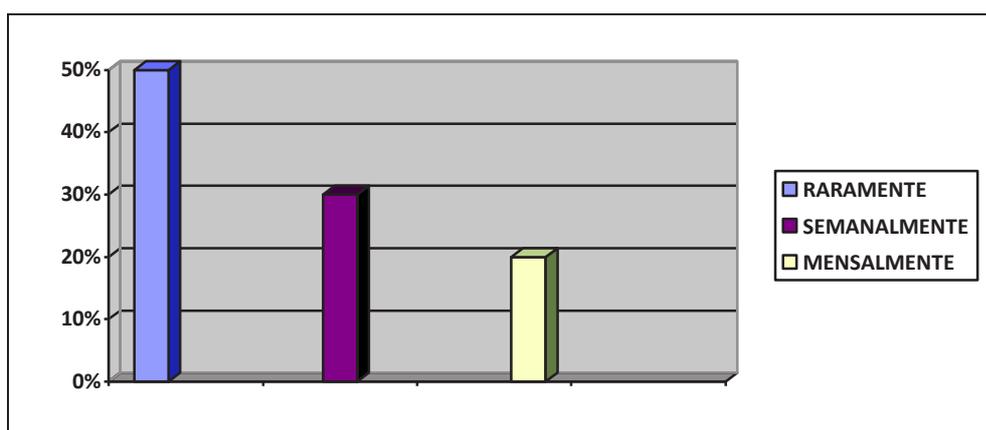
- L2** os capítulos que eu leio?
P é... isso
L2 oh parte por obrigação da universidade e parte porque eu gosto mas:: difícil é o caba parar para ler ((risos))

Nas respostas dos leitores, o que se destaca e chama atenção é a relação que os alunos fazem da leitura com seus interesses pessoais e a obrigação. Algumas falas nos ajudam a

observar uma diferenciação entre textos acadêmicos e textos prazerosos como, por exemplo, o LEITOR 2 que coloca as leituras acadêmicas como uma obrigação. Talvez essa seja uma ideia internalizada que vem das suas experiências anteriores, por exemplo, aquelas em que associavam a leitura escolar à obrigação e a prazerosa à ocorrida em outros ambientes e decidida a partir de seu gosto pessoal. E aqueles que alegam não gostar de ler ou que não gostavam, como o LEITOR 1, usam como justificativas a falta de paciência e a preguiça. Provavelmente, esses são alguns dos pontos que dificultam o gosto pela leitura e que dependem do próprio sujeito para transformá-los, como também de suas motivações e da maneira que é selecionado o material a ser lido.

Pensando nessa relação entre obrigatoriedade e o prazer em que se realiza uma leitura, procuramos saber **com qual frequência os participantes da pesquisa costumam ler um livro** e obtivemos como respostas: raramente, semanalmente e mensalmente. Vejamos.

Gráfico 4 - Frequência das práticas de leituras de livros



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

De acordo com o gráfico 4, 50% dos universitários afirmam ler livros raramente, outros 30% leem semanalmente e 20% mensalmente. Como vimos, há uma maioria que não tem como hábito ler um livro frequentemente, o que torna a leitura de livros mais escassa e leva para o campo universitário uma dificuldade maior, devido ao fato de que, estando inseridos nesse ambiente, há uma exigência em torno de longas leituras (de obras, trabalhos científicos) e, com a ausência dessa habilidade, há um empecilho maior para seu desenvolvimento dentro da academia.

L1 nunca eu não... tenho costume de ler sempre

L8 bom... é... a frequência? eu costumo ler os livros... assim de acordo com o cronograma da universidade ou se não nos meus tempos livres... e tempo livre não tenho ultimamente então... diariamente eu tenho lido

L10 hum... é como eu tô falando se for um livro que eu goste eu demoro bastante pra ler:: agora:: os livros e textos da universidade eu leio bastante

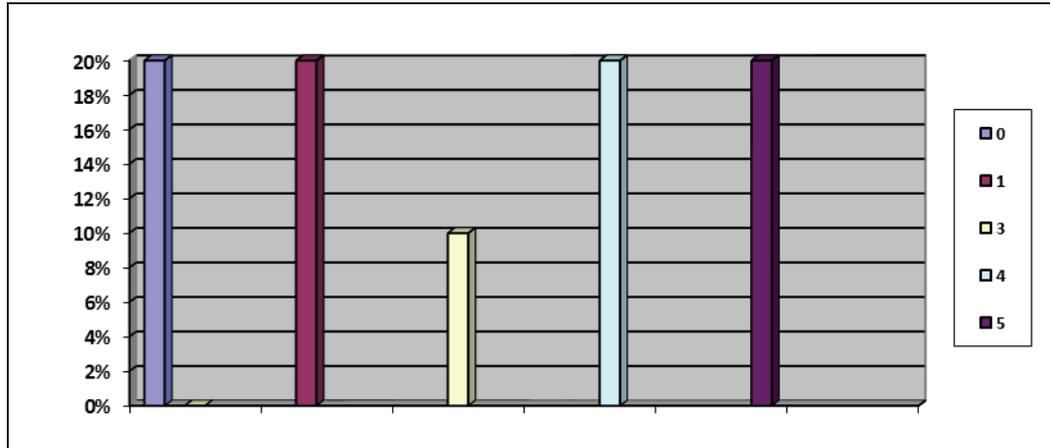
P essas leituras que você gosta é realizada com frequência?... tipo:: uma vez por mês... dois?

L10 sempre que eu tenho um tempinho porque eu trabalho sou estudante e dona de casa ((risos))

Fica evidente que os entrevistados realizam suas leituras dentro de um cronograma que é proposto pela universidade como cita o LEITOR 8. A partir disso, podemos concluir que há uma representação muito importante da academia na construção do sujeito como leitor. Porém, é perceptível em suas declarações que essas leituras são realizadas somente por obrigação e de uma maneira enfadonha o que nos leva a repensar o papel que a graduação tem para cada universitário, uma vez que mesmo tornando os sujeitos novos leitores, nem sempre essa prática se efetiva como algo prazeroso ou, pelo menos, não enfadonho para cada um deles. Podemos também observar, através da fala do LEITOR 10, outros empecilhos que são encontrados pelos leitores, por exemplo, a falta de tempo desse entrevistado é justificada por ela ser, além de estudante, uma dona de casa, que tem seu trabalho e ainda a universidade. Concluímos então que, nesses casos, a leitura fica como uma última opção de lazer em raras ocasiões ou quando “sobra tempo”.

Essa ausência de um momento prazeroso voltado para a leitura é também evidente nas respostas da próxima questão que se refere à **quantidade de livros lidos em 2017**.

Gráfico 5 - Quantidade de livros lidos no ano de 2017



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Constata-se que o maior número de livros lidos no ano de 2017 não passa de cinco e a média é de 2,6 livros. Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* realizada em 2015, é revelado que o brasileiro lê, em média, 4 livros por ano e apenas metade da população pode ser considerada leitora, porque, para a pesquisa, é leitor quem leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses e o não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses. Sendo assim, a leitura de livros pelos alunos entrevistados do CCHE ainda está abaixo da média nacional.

Como já sinalizado, o maior número de livros lidos pelos nossos graduandos é de 5 livros nesse ano de 2017 e essa quantidade foi indicada por 20% dos entrevistados. 20% deles afirmaram ler 4, 20%, 1, e 20% não leram nenhum livro em 2017. Já os outros 10% dos universitários leram 3 livros. Compreendemos que leitura não está restrita apenas ao consumo de livros, apesar de considerá-lo um suporte para a leitura, e ressaltamos que a quantidade de livros lidos em 2017 ainda surpreende por estar abaixo do que é imaginado para os graduandos nessa fase do ensino superior. Não consideramos esse como único material exclusivo para a realização da leitura, mas há sim uma preocupação, já que esse é importante e há indicação de que a relação da população em geral com ele não tem sido muito estreita, também entre os estudantes da pesquisa. Como vemos em suas declarações a seguir.

L2 até agora? nenhum só os capítulos para a universidade mesmo

L3 esse ano... eu li uns quatro livros não lembro assim os nomes... mas são sempre livros voltados para a minha área como a fisiologia humana... fisiologia do exercício... práticas esportivas... eu procuro toda semana estar lendo

L8 eu li... livros eu li alguns... É eu li muitos capítulos de livros diferentes e que estavam de acordo com assuntos de uns artigos que eu estava pretendendo publicar

P sim... mas livros completos? você consegue citar quais?

L8 é eu li *Dom Casmurro*... é li também... *Quem é Capitu*... li sobre as obras de Machado de Assis... é não tô lembrando mas li muitos ligados a personagem Capitu mas os nomes agora não me recordo

Concluimos, a partir das respostas, que a grande maioria dos livros lidos pelos entrevistados está voltada às exigências acadêmicas e eles colocam a falta de tempo como um problema causado pela universidade que coloca muito material para o estudo e que nem sempre precisa ser lido por completo às vezes. É preciso destacar que os LEITORES 2 e 5 são concluintes e afirmam categoricamente que a exigência e a carga de leitura no fim do curso aumentam por causa do trabalho de conclusão de curso (TCC). O LEITOR 2 chama atenção por, em um momento da entrevista, colocar que não lê um livro completo desde o ano de 2015 nem por exigência acadêmica e nem outros motivos. Por outro lado, as leituras dos capítulos lidos também devem ser consideradas já que são importantes e isso faz parte da prática de leitura nesse contexto universitário, pois é um dos aspectos que caracteriza nesse ambiente.

Constata-se com isso que deve existir o esforço daquele discente visto que o trabalho para uma formação desse porte não depende só do professor, mas também do aluno.

Podemos perceber que há uma diferença nas leituras dos que estão ingressando nos cursos, conforme fica evidente em seus relatos quando falam sobre a quantidade e os livros que leram este ano.

L7 li um

P lembra qual foi?

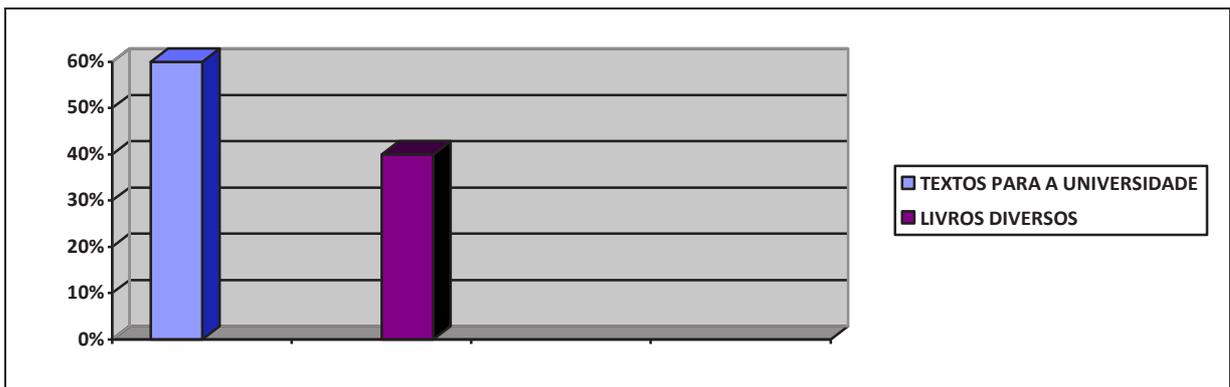
L7 lembro... foi *Senhora das Águas*

- L9 uns dois ou três
 P consegue lembrar quais?
 L9 sim *A estrada da noite...* hum esqueci os outros mas são do mesmo gênero que esse

Através dos relatos anteriores, conclui-se que os entrevistados que estão ingressando agora na vida acadêmica realizam leituras voltadas a suas escolhas e gostos pessoais e sem se deixar envolver ainda pela exigência da nova vida como universitários, como colocado pelo LEITOR 9 que afirma gostar de ler um tipo de gênero e o faz com uma certa frequência.

Para aprofundar a pergunta anterior, questionamos os participantes sobre **o que eles estavam lendo no momento** e obtivemos como maioria das respostas duas opções que estão representadas no gráfico, quais sejam, textos da universidade e outros livros de diversos temas.

Gráfico 6 - Tipo de leitura em andamento



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Nota-se que 60% dos entrevistados estão realizando leituras voltadas para a universidade, já os outros 40% estão realizando leituras que não estão relacionadas ao ambiente acadêmico. Com isso, evidenciamos a diferença que existe nas leituras dos universitários que estão ingressando agora para os que estão concluindo seus cursos. Os graduandos que estão em seus últimos períodos deixam claro a dificuldade que têm em fazer outras leituras que não sejam voltadas somente para a universidade, mas compreende-se que essa é uma fase e suas práticas vão se adaptando conforme os momentos em que estão vivendo. Com isso, observamos que entre os 10 (dez) entrevistados, 5 (cinco) que são concluintes reforçam a problemática que existe no fim da graduação para realizarem suas leituras externas, uma vez que estão envolvidos em seus trabalhos de conclusão curso que exigem deles um tempo maior e mais leituras para que possam fundamentar suas pesquisas.

L8 no momento eu só tô lendo parte teórica pro meu TCC... é eu vim até pensando antes de vir aqui.. para a universidade que ultimamente eu não tenho escolhido as minhas leituras... é.... tô fazendo meu TCC na área que eu gosto mas::: por exemplo... não tenho escolhido um romance pra mim ler são mais leituras que são impostas pelo meu orientador então::: é mais parte teórica do curso mesmo

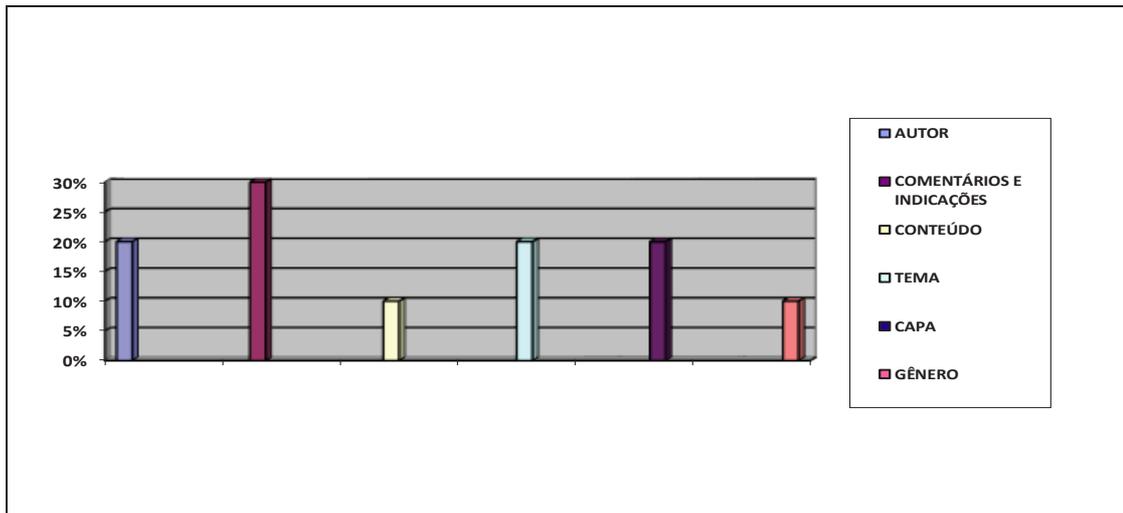
L6 eu tô lendo embasamento teórico pro meu TCC... e alguma coisa alternada:: assim.... livros que me chamem atenção mas o foco é o embasamento teórico do TCC

Então, fica evidente através das narrações dos entrevistados que o momento final de um curso exige mais ainda deles como universitários. Há a necessidade de realização de leituras para seus trabalhos que dificultam uma possibilidade de leitura fora do meio acadêmico, como é colocado pelo LEITOR 8 que nos aponta até uma certa frustração por, nesses últimos meses, não ter podido escolher suas leituras como os romances que são sua preferência. Também identificamos a associação que esse leitor faz das leituras acadêmicas com uma obrigatoriedade. Percebe-se então que através desse leitor é reforçada a ideia da leitura na universidade como uma prática escolar, ou seja, é para a realização de uma determinada tarefa, em que os estudantes não têm poder de decisão. Então, questionamos se realmente são formados leitores na universidade ou se apenas é reproduzido o modelo escolar que determina o como e o que se lê, sem que depois haja continuidade dessa prática, pois o sujeito não compreende a importância e não insere essa prática no seu dia-a-dia.

Em contrapartida, há os que ingressaram agora e ainda estão mais “livres” para realizar suas leituras sem tanta cobrança e exigência e acabam optando por aquelas que não envolvam muito os textos presentes na universidade e, por isso, afirmam que, enquanto tiverem tempo, vão preferir ler o que gostam.

A seguir, apresentamos como são escolhidos os materiais que fazem parte da vida dos graduandos e suas preferências de leitura. Em resposta à questão **como você escolhe um livro?**, obtivemos algumas respostas que indicam que a maneira de escolha e a preferência dos alunos são bem distintas e construídas a partir de seus gostos pessoais. Apresentamos no gráfico as opções que foram mais recorrentes.

Gráfico 7 - Razões para a escolha dos livros lidos



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Como representado no gráfico 7, não há uma diferença significativa entre as opções dos entrevistados: 30% escolhem um livro através de comentários e indicações feitas por outras pessoas, 20% escolhem pelo autor, e 10% dos entrevistados escolhem pelo tema, capa ou gênero. A partir dos sujeitos investigados, ficou claro que as formas com que eles escolhem um determinado livro têm se modificado ao longo do tempo, percebemos que tem se intensificado uma exigência maior pelo que se lê e sobre o que se lê.

L2 pela história eu... geralmente procuro a análise dele sobre o que o pessoal fala dele na Internet e assim.... procuro as recomendações

L8 como eu escolho um livro?... é.... eu não sei

P o que te atrai por exemplo... a capa o enredo?

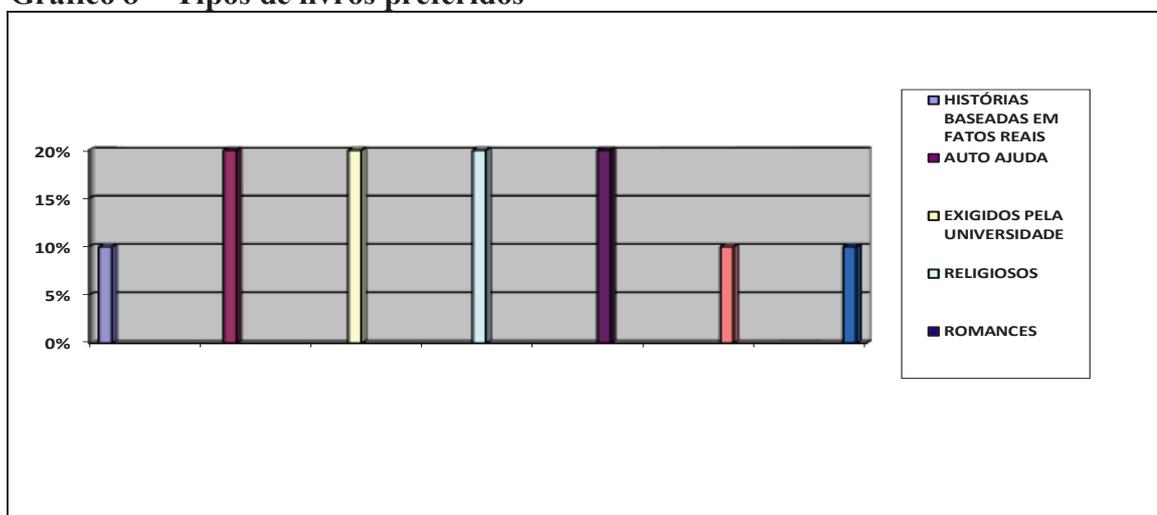
L8 não eu não... normalmente antes eu julgava um livro pela capa hoje não mais... o assunto::: eu gosto muito de romance um assunto que me interessa... às vezes indicação de um professor que fala de um livro que é bom e eu vou atrás... às vezes também assisto um filme bom que é baseado em algum livro e eu vou em busca do livro também porque... uma coisa é assistir abre aspas um resumo fecha aspas do livro e outra é você ler o livro na íntegra

Nota-se que, mesmo parecendo algo simples, a escolha de um livro exige que o leitor alcance uma determinada habilidade que requer dele uma formação crítica. Para isso, é

necessário que ele sempre reveja os modos que utiliza ao longo das suas situações de leitura e de como forma as suas escolhas. É possível identificar essas mudanças e seus modos na fala do LEITOR 8 que, ao longo do tempo, foi adquirindo novos recursos e meios para aperfeiçoar a maneira que escolhe o seu objeto de leitura, indicando a diferença entre as escolhas anteriores – decidir por um livro através da capa – e as de hoje – preferir indicações ou saber anteriormente do que é tratado na obra. Para o LEITOR 2, o processo de escolha não é tão diferente, pois prefere recorrer aos comentários existentes na Internet de pessoas que já tenham tido contato com o que ele pretende ler. É evidente que são duas construções diferentes de leitores, mas que não deixam de apresentar uma formação contínua e que vai sendo modificada com o decorrer do tempo, de acordo com a maturidade do leitor no mundo da leitura e com as necessidades advindas de outras atividades que vão passando a fazer parte da sua vida, por exemplo, como a universidade.

A partir dessa discussão, é possível destacarmos também quais são os tipos de livros e gêneros que fazem parte das escolhas dos nossos universitários e para analisarmos melhor esse fator, questionamos da seguinte forma: **qual são seus tipos de livros preferidos?** Para essa pergunta, obtivemos algumas respostas recorrentes que estão representadas no gráfico.

Gráfico 8 - Tipos de livros preferidos



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Nota-se, no gráfico 8, que 20% dos entrevistados indicam a leitura acadêmica, 20% apontam os livros de autoajuda, 20% os religiosos, e os outros 20% os romances. Em terceiro lugar, e com 10% das indicações cada um, vêm os outros gêneros que foram apontados pelos

participantes: ficção; aventura e histórias³. Nesse sentido, vemos que são vários os gêneros de textos que compõem as leituras de cada graduando que foi entrevistado, porém não podemos negar que cada um desses textos tem o seu significado e formas de usos dentro dos modelos construídos dentro da nossa sociedade.

L3 eu leio mais assim os artigos científicos eu não tenho o costume de ler assim não.... tipo romances essas coisas eu não tenho costume não sabe?... eu leio o que eu vou usar mesmo como os artigos outros livros de conteúdos voltados para a minha área é sempre voltado para o meu trabalho e é desses livros que eu gosto

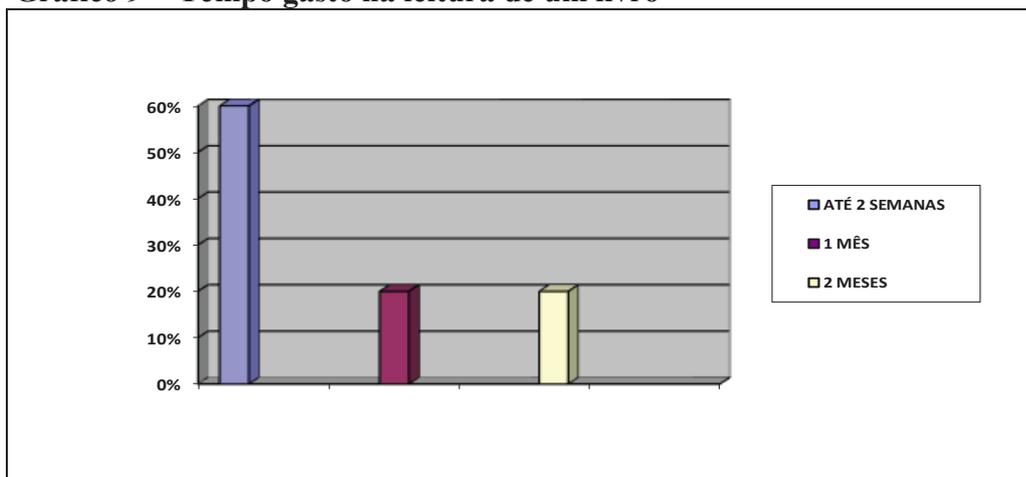
L4 eu gosto de ler livros de história gosto de literatura autoajuda e livros religiosos

L5 eu não tenho o hábito de ler livros só leio para a universidade mesmo e o que eles ((refere-se aos professores)) exigem

Fica explícito que houve uma diversidade de leituras presentes em sua formação como podemos averiguar em suas falas. Destacamos o LEITOR 1 que foi categórico ao enfatizar a sua preferência por livros que envolvam a sua área de trabalho e a sua formação acadêmica e afirma ainda que não sente prazer e interesse por leituras como romances. Essa visão do LEITOR 3 também está intimamente ligada ao que fala o LEITOR 5 que não gosta de ler e o faz pela exigência de algum professor. A diferença entre os referidos leitores está exatamente nesse gosto pela leitura visto que um tem e o outro não. Percebemos que acontece o oposto com o LEITOR 4, uma vez que esse tem um gosto mais amplo por diversos gêneros e consegue relacioná-los de alguma maneira a sua formação, não realizando as leituras como uma obrigação, mas como uma busca por prazer e descoberta.

Dentro desse contexto, temos o fator tempo que é empregado frequentemente como um dos culpados pela não realização de leituras desses graduandos. No entanto, buscamos saber exatamente o contrário e questionamos **quanto tempo geralmente demoram na leitura de um livro?**

³ Os tipos e gêneros apresentados no gráfico 8 foram indicados pelos participantes da pesquisa.

Gráfico 9 - Tempo gasto na leitura de um livro

Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Observa-se que o 60% dos entrevistados gastam até duas semanas na leitura de um livro, outros 10% gastam um mês e 10% dois meses. Acreditamos que a correria do dia-a-dia e as cobranças podem ser as causas que mais prejudicam a prática e a realização efetiva da leitura.

L1 ah ele todo? dependendo do livro né? da leitura... porque assim:: se for muito cansativo às vezes a pessoa desiste ((risos))... mas como o último que eu li era bom acho que demorei umas duas semanas.

Percebe-se com a fala do LEITOR 1 que o tempo que é gasto para determinada leitura depende muito também do que se lê e para o que se está lendo: o leitor expõe que, se a leitura for do seu agrado, o tempo diminui e é realizada mais rapidamente; caso contrário, pode ser prolongada. Isso nos evidencia que o leitor precisa estar diante de leituras que o despertem e o satisfaça para que assim a leitura seja inclusa em suas práticas e que mesmo sendo ela mais densa o leitor já esteja habituado e não se torne algo torturante.

A seguir, propomos com a questão **o que você costuma ler no trabalho?**, identificar se a leitura é frequente também nesse ambiente dentro da rotina de nossos entrevistados. Ressaltamos que entre os nossos 10 (dez) entrevistados, apenas 3 (três) exercem trabalho remunerado e, por isso, não há uma representação gráfica desses dados, mas, a seguir, indicamos, em suas falas essas práticas de leitura.

L1 eu trabalho assim... com processo de medicação aí eu tenho que ler laudos médicos receitas essas:: coisas sabe?

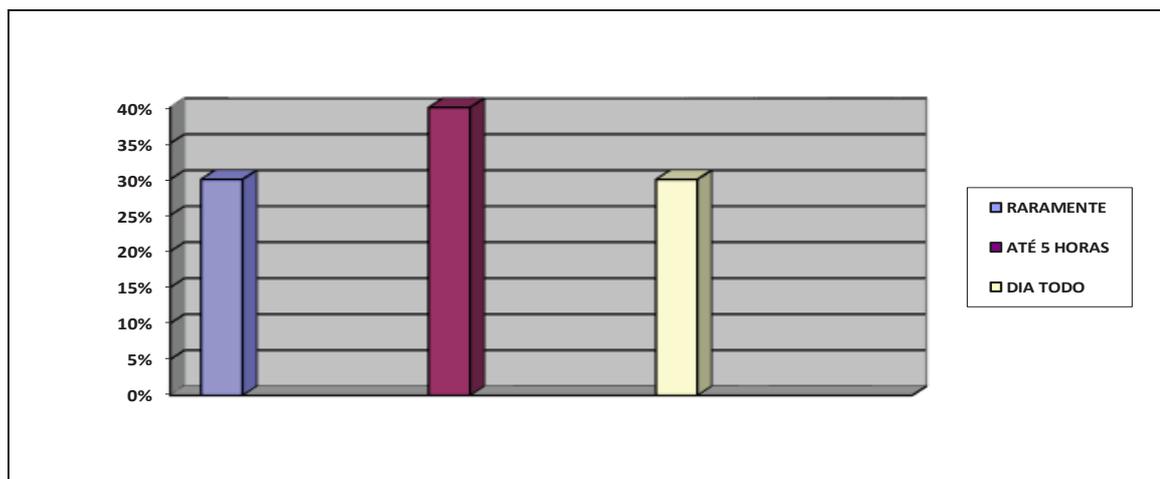
L3 é::: eu sou professor então leio muitos materiais e livros didáticos para essas aulas

L4 o que eu leio meu trabalho exige muito na parte prática né?... na parte funcional sobre nutrição

Dois leitores exercem uma mesma atividade: o LEITOR 3 e o LEITOR 4 são professores. O LEITOR 1 exerce uma função diferente trabalha como atendente em farmácia. Por isso, fica evidente que as leituras realizadas em cada um desses ambientes se diferem e têm o seu nível de importância para cada um deles. Observe que o LEITOR 1 trabalha com leitura de medicamentos e receitas médicas. Inferimos que essa prática é diária e frequente na vida desse leitor, uma vez que ele depende da leitura para exercer as suas funções. O LEITOR 3 e o LEITOR 4 enfatizam que a leitura dos livros didáticos é frequente, pois os utilizam na preparação das suas aulas já que são professores. Os dois sujeitos evidenciam que utilizam a leitura para a aquisição de novos conhecimentos e aperfeiçoamento do seu trabalho. Concluimos, a partir desses exemplos, que a prática leva a um aperfeiçoamento e ela é uma exigência dentro de diversos meios e ambientes.

Posteriormente, voltamos nossas discussões dentro das entrevistas para o uso da Internet e as leituras que são realizadas nesse meio de comunicação. Sendo assim, questionamos os entrevistados com a seguinte pergunta: **quanto tempo por dia você gasta com Internet?**

Gráfico 10 - Tempo gasto diariamente com a Internet



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Como representado no gráfico 10, 30% dos entrevistados afirmam que “raramente” navegam na internet, 40% dos entrevistados alegam acessar até 5 horas por dia e 30% afirmam passar o dia todo conectados. Assim, observamos que o acesso à Internet por parte dos entrevistados é frequente, mas moderado por parte de alguns. Vejamos:

L5 é muito difícil eu entrar na Internet... eu não tenho Internet... hum só entro aqui na universidade mesmo para estudar

L6 vinte quatro horas não porque eu durmo né? ((risos))... mas assim é isso enquanto eu tô acordado eu tô online

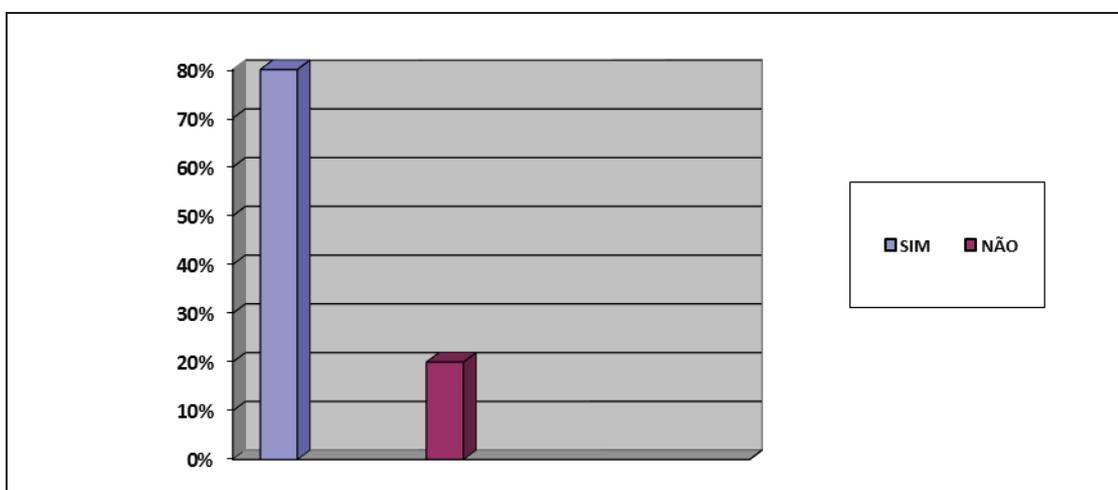
Observa-se que vamos de um extremo ao outro nessa questão, porque, como relatado pelos entrevistados em suas falas, há aqueles que passam o dia em torno da Internet e são dependentes declarados desse acesso, como o LEITOR 6. Já no caso do LEITOR 5, fica claro que, pela sua falta de acesso à Internet, o seu uso é bem mais restrito e quando o faz é na universidade para que possa estudar.

Dentro desse suporte tão importante que é a Internet, como vimos anteriormente, há as inovações que agora trazem a possibilidade de que uma boa parte das pessoas tenha acesso aos livros que quiserem através dos novos aplicativos. Esses que têm ficado cada vez mais conhecidos e práticos de transportar. São os chamados dispositivos eletrônicos para leituras como o *Kindle*, *Kobo*, *Whattpad*, que têm trazido para as pessoas em seus aparelhos celulares e

notebooks a praticidade de ler seus livros onde quiserem sem ter a necessidade do livro impresso. Ressaltamos que o tempo livre para os entrevistados é uma parte incômoda, pois alegam quase não existir e com isso percebemos que os dispositivos eletrônicos facilitam o acesso às leituras, fato que a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” também evidenciou em sua última edição em 2015.

Para a nossa pesquisa, sondamos os nossos leitores sobre os livros digitais com a seguinte pergunta: **você conhece os livros digitais?** E assim, podemos saber se eles já tiveram acesso ou conheciam algo sobre essa nova modalidade de leitura.

Gráfico 11 - Acesso aos livros digitais



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Segundo o gráfico 11, 80% dos entrevistados conhecem ou já ouviram falar sobre livros digitais e os outros 20% ainda não tiveram acesso ou a possibilidade de contato. Porém sabemos que “ter o contato ou ouvido falar” não significa que realizaram leituras nesses aplicativos. Vejamos o que nossos entrevistados dizem sobre a leitura nesses dispositivos.

L2 já já sim eu li::: um que chama... *Como fazer amigos e manipular pessoas...* só li esse... comprei e li

L8 já ouvi falar... sim tive acesso mas eu nunca li um

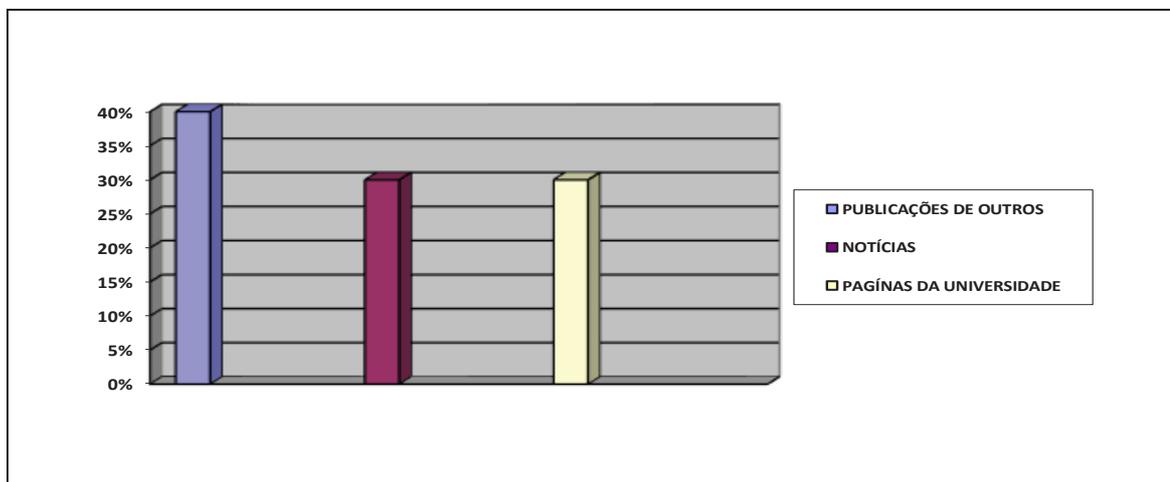
É fundamental perceber a diferença que existe diante essas falas, pois vemos que, apesar da grande maioria dos entrevistados conhecer ou ter ouvido falar dos livros digitais, nem todos

ainda tiveram a oportunidade de ler um livro através dos aplicativos de livros digitais, como aponta o LEITOR 8. Há ainda uma problemática que envolve não só esses dispositivos, mas também o livro impresso, que é o custo, que por vezes são uma das maiores críticas de seus usuários. No entanto, há alguns dos aplicativos de livros digitais que cedem os livros gratuitamente a partir de *downloads* e esse é um dos motivos que tornam esses dispositivos um atrativo para determinados leitores.

É evidente que a leitura digital não irá substituir o impresso, pois seríamos simplistas ao imaginar que uma nova tecnologia vai substituir completamente e de imediato formas mais antigas, apesar de toda a disseminação dos meios tecnológicos. Contudo, não se pode ignorar esse novo avanço, mas é possível trabalhá-lo de uma maneira que ele possa ser aliado das práticas de leitura.

Na sequência, voltamos nossos olhares para as redes sociais que fazem parte do dia-a-dia dos nossos entrevistados. Tivemos aqui como foco principal o *Facebook* que foi considerado entre uma parte dos universitários um dos mais acessados diariamente. Procuramos saber quais são as leituras que eles realizam dentro dessa página, com a pergunta: **quais são as leituras que você realiza no *Facebook*?**

Gráfico 12 - Leituras realizadas no *Facebook*



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Para essa questão, tivemos como maioria das respostas dos universitários as opções: publicações, notícias e páginas da universidade. Percebe-se no gráfico 12, que 40% dos nossos entrevistados leem mais as publicações de outras pessoas, 30%, as notícias, e 30% leem as páginas da universidade. Observamos que essa rede social possibilita aos sujeitos vários tipos

de leitura, por exemplo, histórias, depoimentos, notícias e etc. E a partir disso, o leitor é aquele que busca ler o que mais lhe convém nesse meio, mas que não se diferencia tanto das leituras de outros, por exemplo, percebemos que ler as publicações de outras pessoas é um ato bem comum de uma boa parte desses leitores.

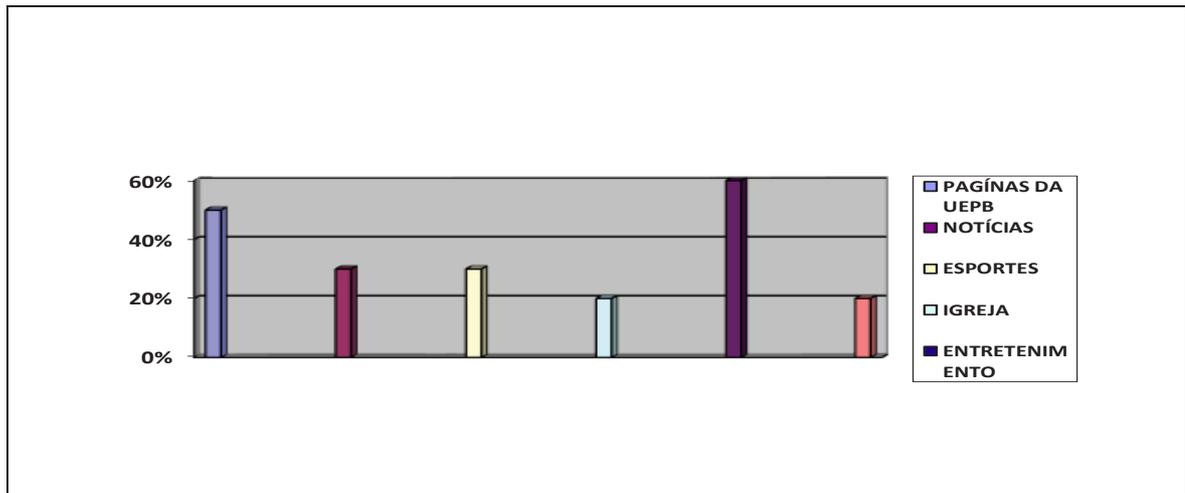
L7 eu gosto muito de ver as coisas... nem tanto as notícias... por causa da televisão né?... mas gosto de ver as publicações as paisagens... gosto de páginas com mensagens positivas com assuntos que me interessem

L9 no Facebook eu não tenho muito acesso é que não tenho tanto acesso como tenho nos outros aplicativos... mas eu leio relatos quando postam... as publicações... as histórias... essas coisas

É perceptível a variedade de leituras que envolve cada um desses sujeitos dentro dessa rede social e que, por vezes, nem os próprios leitores se dão conta desse fato que é tão importante. É possível que, devido à valorização de algumas leituras que são consideradas “ideais”, outras fiquem em segundo plano, o que parece ocorrer com as leituras realizadas na Internet. O LEITOR 9 relata que “não tem muito acesso”, mas vimos que, em um pequeno espaço de tempo, nos disponibilizou um leque de leituras que realiza nessa pouca frequência, e o LEITOR 7 afirma gostar de ler muitas mensagens e assuntos que o interessem. Sendo assim, percebemos que, independente do uso ser muito ou pouco, a prática de leitura nesse meio é intensa e frequente, reforçamos essa ideia das leituras dentro do *Facebook* na próxima questão, na qual procuramos saber o seguinte: **quais são suas páginas de like⁴?**

⁴ Like – Ferramenta disponível no *Facebook* que permite o usuário dizer que gosta daquele conteúdo

Gráfico 13 - Páginas curtidas no Facebook



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Observa-se que 50% dos entrevistados afirmam curtir páginas da UEPB, 30% curtem páginas de notícias, 30% de esportes, 20% de igrejas, 60% curtem páginas de entretenimento e 20% curtem páginas relacionadas a jogos. Observamos que as páginas da UEPB e as páginas de entretenimento são as que possuem uma preferência maior entre as que foram mencionadas. E, assim, acreditamos que os graduandos em seu meio social, ou seja, nessas redes, procuram curtir assuntos que se identifiquem ou algo que desejam saber.

L2 bom... até agora... a de memes bem mais de memes porque eu só uso o Facebook como lazer mesmo e para me distrair

L8 eu tenho as da graduação... umas de psicologia... aquelas que falam sobre o ensino de língua portuguesa... as da universidade e a de grupo aqui do campus que faz poesia é sempre relacionado à universidade.

L5 tem a do cariri aqui da região para notícias a da UEPB também e eu sigo várias... não lembro mais

Percebe-se que há os que usam as redes sociais para uma mera distração, como o LEITOR 2; para saber sobre a universidade e conhecimentos sobre a sua área, como o LEITOR 8; e para manter-se informado com notícias seja da região ou do mundo, como o LEITOR 5. Diante disso, é mais simples perceber que há diversos fatores que contribuem para a escolha do

que cada um desses universitários irá seguir e ler em sua rede social. Ressaltamos ainda que a pesquisadora pediu para os entrevistados mostrarem essas páginas que curtem no *Facebook*.

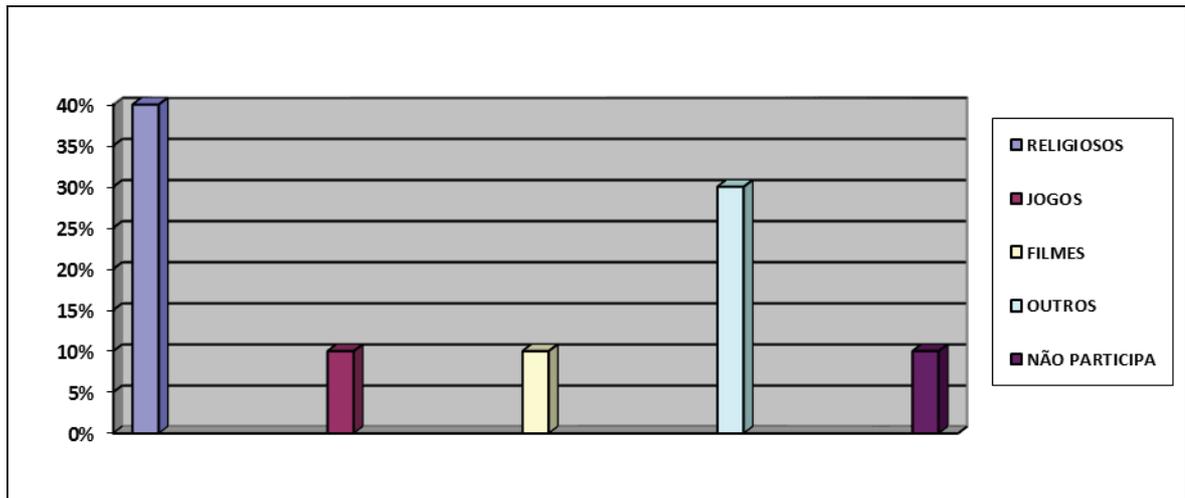
Fica evidente que as leituras dos entrevistados são motivadas pelas suas relações e partem de seus interesses pessoais. E assim, relacionam as temáticas que já têm no seu meio social. Então, para melhor empreender sobre as relações que estão presente nas redes sociais desses universitários, buscamos identificar de uma maneira geral quais são as temáticas que são mais recorrentes. Vimos que a universidade e o entretenimento permanecem como as principais temáticas procuradas por eles em suas redes sociais, na sequência, ficam a religião e temas acerca do trabalho.

L1 estão sempre relacionadas a meu gosto pessoal... sabe?... são bem culturais do nordeste e bandas que eu gosto

L4 são de esporte... é.... da universidade e só.

Dado o exposto, torna-se claro que as temáticas envolvidas têm uma forte ligação com a sua vivência e realidade visto que esses universitários procuram assuntos que já estejam imersos em sua rotina e que despertem suas vontades e atenção. Pensando nisso, procuramos ligar essas relações externas que envolvem os graduandos e os meios em que eles estão inseridos, por exemplo, as comunidades que porventura participem fora da Internet no seu dia-a-dia e para isto, questionamos sobre essas participações com a seguinte pergunta: **você participa de alguma comunidades?**

Gráfico 14 - Comunidades que participa

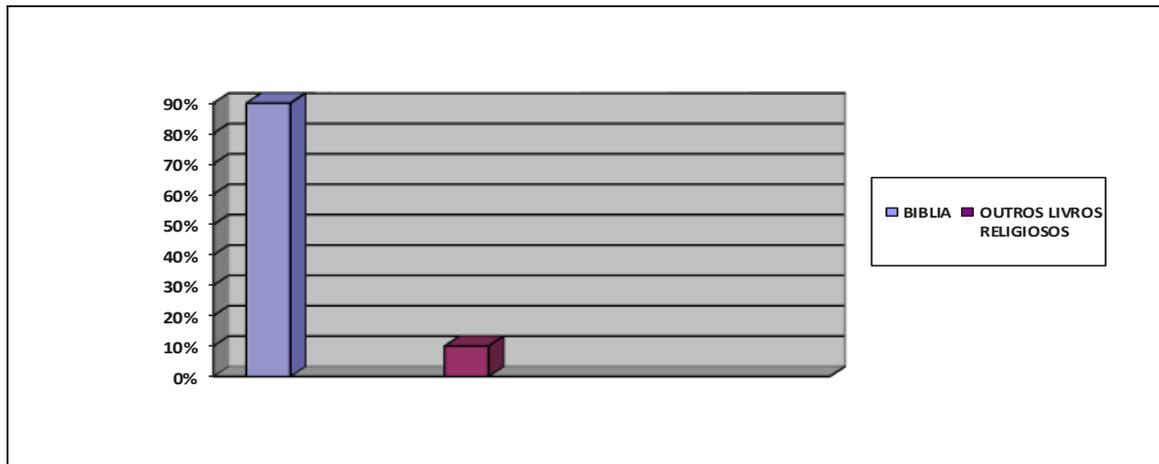


Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

40% dos entrevistados indicam participar de comunidades religiosas, 10% de comunidades de jogos, 10% de filmes, 30% de outros tipos de comunidades e 10% de nenhum tipo de comunidade. Fica evidente, portanto, que as comunidades religiosas ocupam um maior espaço dentre os nossos entrevistados e, através disso, podemos perceber que a participação desses leitores dentro dessa comunidade é refletida em outros meios, como pudemos observar no caso das redes sociais que a opção de leituras religiosas aparece como uma das mais citadas.

Em razão disso, importa enfatizar que essas comunidades abrangem leituras e em algumas são até uma exigência para seus participantes, como é o caso de algumas comunidades religiosas, pois fazem uso de diferentes tipos de livros para estudos, como a Bíblia em algumas religiões. Pensando nisso, questionamos os entrevistados sobre **quais são as leituras que realiza e que são voltadas para grupos religiosos ou de hobbies?** Esclarecemos que as respostas para essa pergunta surpreenderam pelo fato de que, mesmo alguns dos entrevistados terem afirmado na questão anterior não participar de nenhuma comunidade ou grupo, 90% indicou a Bíblia como objeto de leitura.

Gráfico 15 - Leituras realizadas para os grupos religiosos ou de *hobbie*



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Ao analisar vimos que, 90% dos entrevistados afirmam ler a Bíblia e 10% apontam outros livros que também são ligados a leituras religiosas. Sendo assim, percebe-se que há um tipo de leitura recorrente entre os nossos graduandos tendo eles uma participação efetiva em uma comunidade religiosa ou não, como vemos em umas das falas dos leitores, a seguir.

L4 é são livros principalmente de fé e cura... curso Rema que é um estudo bíblico e eu já concluiu

L9 eu tenho curiosidade e leio de tudo... que tenho curiosidade e agora tô lendo um livro espírita.

O LEITOR 4, um praticante de uma determinada religião, realiza leituras como formas de aprendizagem para a sua participação efetiva e crescimento dentro desse ambiente. Já o LEITOR 9 aponta que suas leituras, mesmo as religiosas, são motivadas pela sua curiosidade e desejo em descobrir o novo. Por isso, é importante destacar que uma mesma leitura pode ter propósitos e crenças diferentes como vimos no caso dos dois leitores acima.

Observa-se que a Bíblia, por exemplo, segue em nossa pesquisa como uma das leituras mais realizadas como apontado também pela “Retratos da Leitura” em 2015 que identifica que esse livro é o mais lido pelos brasileiros, independente do fato de estarem estudando ou não.

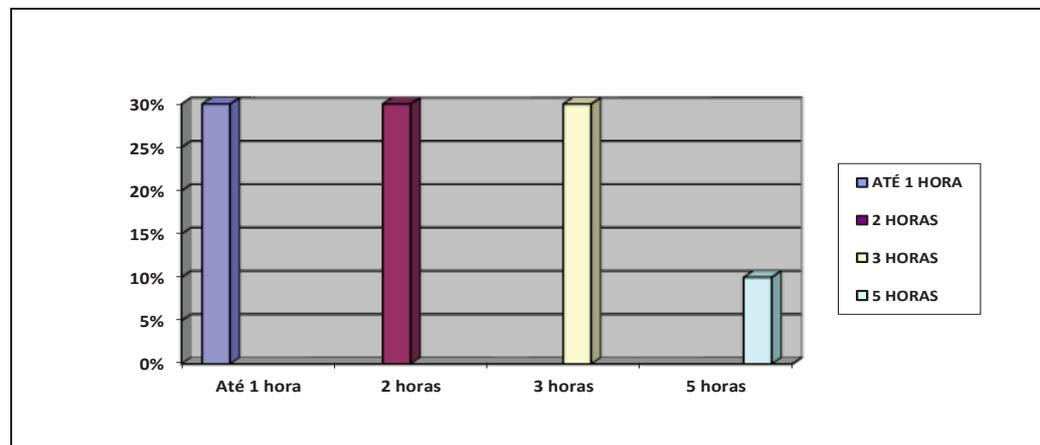
Sendo assim, é evidente que a práticas de leituras realizadas por esses sujeitos fora do meio acadêmico é construída através de seus gostos e propósitos pessoais e isso requer de cada um algum tipo de motivação e interesse. Portanto, percebemos, que mesmo sem notar, os universitários realizam frequentemente algum tipo de leitura para suas atividades externas ao meio acadêmico, principalmente, nessa nova era tecnológica que vem abrindo espaços para novos meios de comunicação que cobram um tipo de leitura diferenciada.

4.2.2 Práticas de leitura na universidade

Nesta subcategoria, buscamos identificar as maneiras que esses universitários realizam as leituras acadêmicas, o tempo que eles reservam, os tipos de materiais que utilizam para as suas leituras, o que leem e se de fato a universidade tem contribuído para essa formação leitora.

Desse modo, a seguir, investigamos sobre as maneiras que os entrevistados tratam as leituras que são exigidas pela universidade. Inicialmente, tratamos a questão do tempo que os universitários têm e dispensam diariamente para as leituras acadêmicas através da questão seguinte: **quanto tempo você usa para leituras da universidade diariamente?**

Gráfico 16 - Tempo dispensado às leituras da universidade



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Observa-se que 30% dos entrevistados dedicam 3 horas por dia para as leituras da universidade, 30% dedicam 2 horas, 30%, 1 hora, e outros 10%, 5 horas por dia. Destacamos que para essa pergunta houve uma dificuldade por parte dos alunos em apresentar uma resposta exata, isto é, uma boa parte deles não conseguiu precisar quantas horas por dia dedicam para as

leituras que são solicitadas na universidade. Evidentemente, esse é o caso do LEITOR 1 como vemos, a seguir.

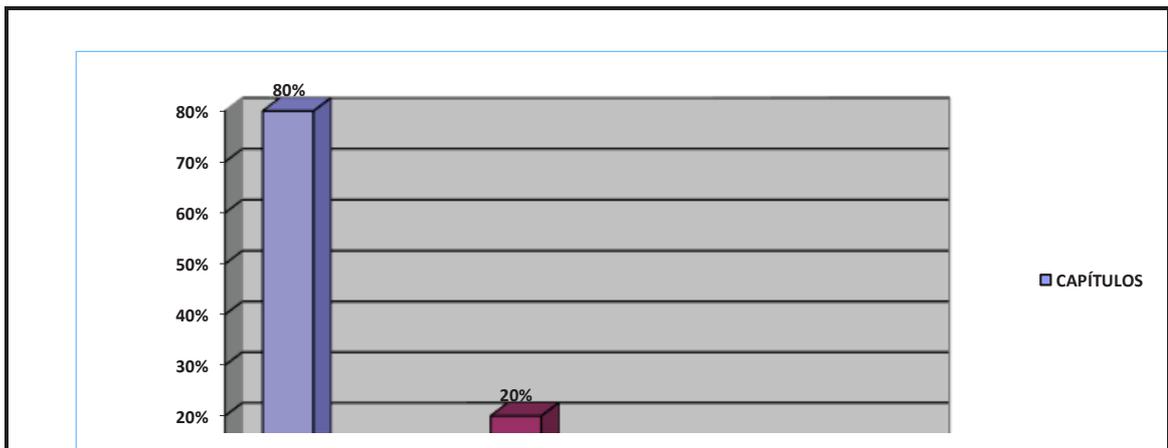
L1 pouco... assim::: o que der porque eu trabalho de manhã e de tarde e ainda estudo à noite... aí às vezes uma meia hora que eu vou lendo no meu trabalho... aí eu leio por isso sabe eu não tenho uma hora definida.

L6 gasto por dia... geralmente umas cinco horas por dia... mais ou menos

Através da fala do LEITOR 1, vemos que a sua divisão de tempo para as leituras da universidade é bem mais complicada e isso se deve ao fato de ter que dividir o seu tempo entre as funções do trabalho e o estudo. Esse é um fato que com toda certeza torna-se determinante em seu cronograma e na sua difícil função em conciliar ambas as tarefas. E essa é uma realidade que envolve muitos universitários que encontram grandes dificuldades em cumprir seus papéis como críticos através das leituras que muitas vezes não são realizadas por falta de tempo. Por outro lado, há os que dedicam seu tempo somente aos estudos e, para esses, o tempo de realização certamente é bem maior e favorável. Outros, como o “LEITOR 6”, têm uma organização para a leitura e dirige sua atenção em um tempo regular aos conteúdos relacionados à sua formação acadêmica e consegue assim se organizar.

Procuramos ainda respostas para a questão seguinte: **na universidade, você lê mais capítulos ou livro inteiro**

Gráfico 17 - Tipos de textos acadêmicos lidos



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Como apresentado no gráfico 17, vemos que 80% dos entrevistados apontam que leem somente os capítulos e 20% costumam ler os livros na íntegra apenas quando é exigido pelo professor ou quando têm a oportunidade de fazerem a leitura. Fica evidente que boa parte dos discentes fica limitada ao que ao material que o docente propõe.

L7 eu se tiver a oportunidade de ler o livro vou ler mas se não e o professor não exigir muito... só os capítulos mesmo

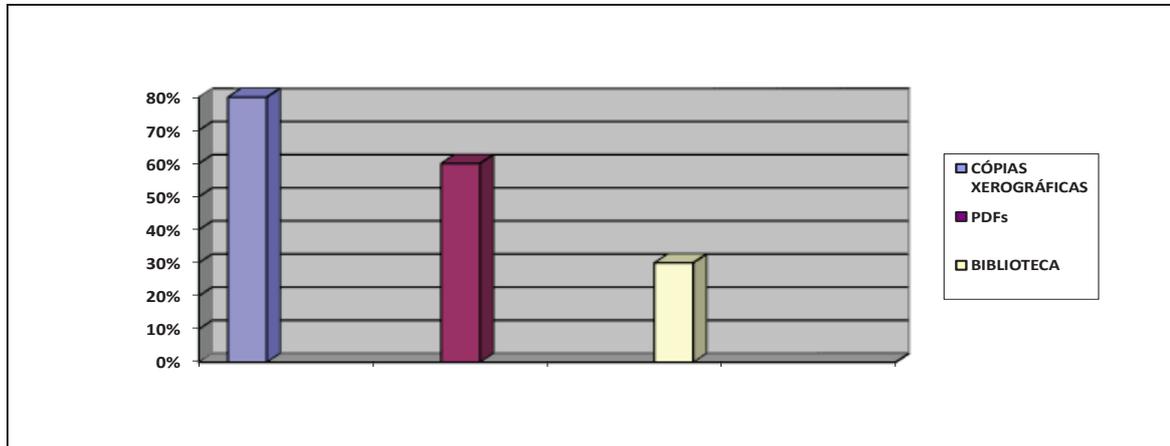
L9 é::: eu dependo muito do conteúdo que é passado... às vezes os capítulos às vezes o livro todo... que abrange o assunto todo

Concluimos assim que, apesar de existir a vontade de ler os livros por completo algumas vezes, os graduandos preferem obedecer a um cronograma proposto sem que nele haja uma inserção de novas buscas e leituras. Há os que afirmam, como os leitores acima, só fazer a leitura do livro se for uma exigência do professor, fato que nos reporta a dependência que o aluno tem do docente para que possa realizar qualquer outra atividade ou até leituras. Porém, essa não é uma função somente do professor. O aluno deve ter autonomia e conseguir decidir e ir mais além do que se espera. É preciso que o estudante tenha em mente que irá partir dele esse aprendizado, visto que a universidade e o docente estão ali para ajudá-los, mas não para suprir as lacunas deixadas, anteriormente, em sua formação.

Na sequência, buscamos identificar quais os tipos de materiais de textos utilizados pelos graduandos, perguntando-lhes: **qual a origem dos textos que mais usam na universidade?** E

como alternativas, colocamos: cópias xerográficas, Internet, empréstimo da biblioteca, PDFs e acervo pessoal.

Gráfico 18 - Origens dos textos na Universidade



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Vemos que a cópia xerográfica é indicada por 80% dos entrevistados como o material mais utilizado, em seguida, vem o PDFs que é apresentado por 60%, e por fim, a biblioteca por 20%. Para melhor compreendermos o porquê dos graduandos optarem mais por esses materiais, completamos a primeira questão com a seguinte: **por que você lê mais esse tipo de texto?** Abaixo encontramos algumas das afirmativas desses graduandos e a razão pela qual eles optam pela origem de determinado material.

L2 uso mais xerox e PDFs... muito mais PDFs porque é muito mais viável e bem mais barato ter no computador e de mais fácil acesso por exemplo uma xerox eu corro o risco de perder e o PDFs você salva em uma nuvem e eu tenho lá direto

L5 xerox e na biblioteca porquê é o meio mais fácil e acessível a biblioteca é melhor porque eu economizo e não pago pela xerox

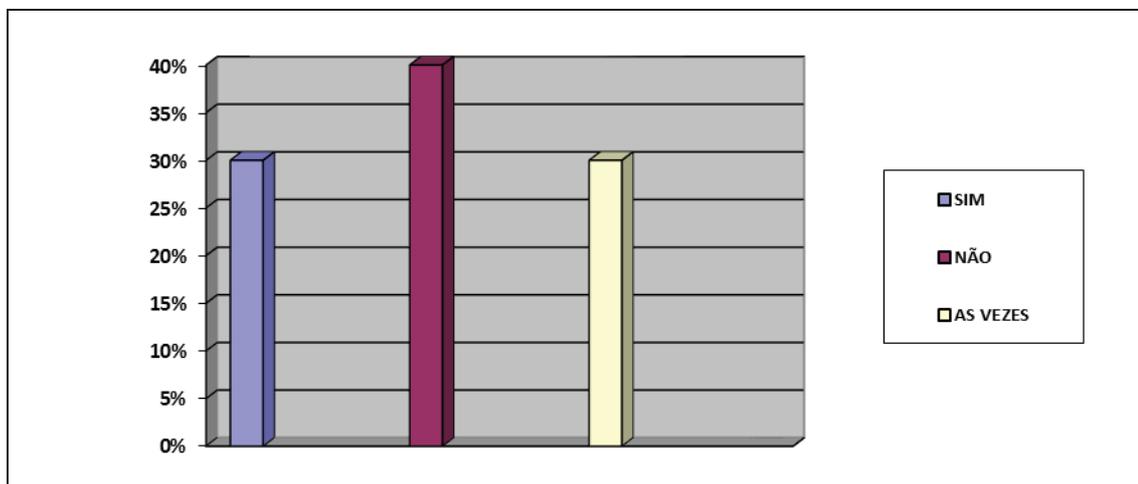
É evidente que a escolha pelo uso da xerox, dos PDFs e da biblioteca se dá pela acessibilidade em conseguir esse tipo de material, uma vez que a maioria dos entrevistados alega serem os meios mais acessíveis financeiramente, como aponta o LEITOR 2 e 5 e também pelos outros fatores como a praticidade em guardá-los e a facilidade em adquirir cada um deles. Dentro das leituras acadêmicas, é comum os professores trabalharem com textos fragmentados,

ou seja, com capítulos de uma obra e não ela por completo o que facilita e agiliza o trabalho do docente. Porém, isso não impede de que o aluno busque o livro trabalhado e leia. Inclusive é isso que se espera dos universitários: que tenham a sua independência e criticidade para ir atrás de melhorar seu desempenho dentro e fora da universidade e em sua formação acadêmica.

Na sequência, propomos pensar nas bibliotecas e como os universitários têm feito uso desse espaço tão importante e, para isso, buscamos através de duas questões investigar como está sendo o uso das bibliotecas na vida dos graduandos, com qual frequência eles vão a esses espaços, o que os motiva a frequentar e quais são os tipos dessas bibliotecas.

Questionamos aos entrevistados se eles **têm o costume de frequentar bibliotecas**

Gráfico 19 - Frequência a bibliotecas



Fonte: levantamento da pesquisadora feito através de questionário e entrevista

Nota-se que 30% dos universitários afirmaram que frequentam uma biblioteca, já 40% disseram que não frequentam e 30% disseram que “às vezes”. Então, é perceptível que a maioria não tem como hábito frequentar as bibliotecas

Em seguida, foi solicitado que os universitários respondessem à pergunta: **quais são as suas motivações para ir a uma biblioteca?** Vejamos suas respostas, a seguir:

L4 não frequento... só vou na parte de usar os computadores para aulas de informática... mas para a biblioteca mesmo nunca

L10 quando eu tenho tempo... quando vou pegar um livro mas nunca para estudar pois não tenho muito tempo

Como pudemos observar, o LEITOR 4 afirma que não frequenta uma biblioteca e quando vai até uma não é com o intuito de ir ler um livro ou estudar, mas para fazer uso dos computadores que lá existem. Em consequência disso, percebemos que aí não há o problema da falta de acesso a esse espaço. Já o LEITOR 10 aponta que não tem tempo para ir à biblioteca, mas quando vai é somente com a intenção de pegar o livro e levá-lo para ler em outro local. Então, percebemos que, apesar de os graduandos possuírem uma biblioteca em sua universidade, são poucos entre os entrevistados que fazem uso dela. Apresentamos, a seguir as respostas dos entrevistados à pergunta: **com qual frequência costumam frequentar bibliotecas?**

L2 a biblioteca? dificilmente... pois geralmente eu pego referência do material e procuro na Internet e baixo mas quando preciso vou na daqui da universidade mesmo

L6 às vezes quando sei que tem o livro que eu quero... aí vou na biblioteca municipal da minha cidade e a da universidade

L10 raramente eu frequento... quando o professor exige e quando eu sei que tem o livro com o assunto que estou estudando e:: eu já conheço e eu só vou na biblioteca da universidade e às vezes quando preciso na da escola lá da minha cidade que vou lá e pego

Percebe-se que as bibliotecas são pouco utilizadas pelos universitários entrevistados e somente fazem uso dela quando é de extrema necessidade. Com isso, vimos que esse local ainda não é bem aproveitado por esses discentes que também apresentam um desânimo ou enfatizam a falta de tempo para ir até elas. É um fato que chama atenção na formação de nossos leitores, uma vez que, dada a oportunidade do acesso ao impresso, ainda preferem procurar em outros lugares os livros. Contudo, a biblioteca deve ser reconhecida como espaço formador de leitores que muito além de livros e materiais impressos diversificados propõe a seus usuários um espaço de tranquilidade e formação. Mas para isso a própria biblioteca precisa se apresentar como tal, não bastando guardar os livros e esperar que os leitores procurem elas..

Nas práticas de leitura na universidade, é perceptível o tempo que os graduandos dedicam durante o dia para sua realização e os materiais que leem, geralmente, são os

solicitados pelos professores, ou seja, a grande maioria só lê os capítulos e deixam de ler o livro completo.

E, por fim, vimos que os universitários raramente procuram as bibliotecas e alegam ter preferência por fazer o *download* do material que precisam ou afirmam não ter tempo para frequentar assiduamente esses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos responder às seguintes perguntas: *como se deu a formação leitora dos graduandos do CCHE? e quais são as práticas de leituras realizadas pelos graduandos do CCHE da UEPB durante sua formação acadêmica?*. Os resultados mostram que os alunos ao adentrarem a universidade são leitores em formação. Nesse sentido, avaliamos que os questionamentos que motivaram essa monografia foram respondidos, uma vez que ficaram claras as informações quanto à formação leitora dos entrevistados e às práticas de leitura que realizam durante sua formação acadêmica.

Em relação à primeira pergunta, identificamos que a formação leitora dos graduandos se deu dentro da escola, mas só se efetiva dentro da universidade que é quando eles afirmam estarem sendo mais incentivados para as práticas de leitura. E apesar de uma parte considerável dos entrevistados considerar a escola como um espaço que colaborou com a sua formação, a universidade é quem se destaca como principal influência para a realização dessa prática. Uma pergunta que fica sem resposta ainda é: o leitor é formado na universidade ou apenas se reproduz nela o modelo escolar que determina o como e o que se lê?

As respostas para a segunda pergunta do estudo estão divididas em duas subcategorias: práticas de leitura em geral e práticas de leitura na universidade.

Ao investigar as práticas de leitura em geral feitas pelos universitários, identificamos que a média de livros lidos no ano de 2017 é de 2,6 livros e que existe uma clara diferença das leituras realizadas entre os ingressantes e os concluintes, já que os discentes que acabaram de entrar na universidade têm mais tempo “livre” para ler livros de suas escolhas e os concluintes, por sua vez, estão envolvidos com seu trabalho de conclusão de curso e suas leituras são mais exigências acadêmicas e a base teórica do TCC. Percebe-se que maioria das leituras de ambos está relacionadas ao curso acadêmico. E observamos que há também uma grande diferença por parte dos entrevistados entre as leituras que são realizadas por prazer e as leituras acadêmicas, pois, há nessa segunda, uma obrigatoriedade que nem sempre condiz com o seu interesse e gostos pessoais.

Identificamos que o que leva os graduandos a ler é, principalmente, o estudo. Outras leituras têm sido pouco ou nunca utilizadas. Para aqueles que trabalham, a leitura é frequente, pois em suas atividades é uma base para sua realização. Já as leituras realizadas em páginas como o *Facebook* estão ligadas mais ao entretenimento dos leitores. Percebemos que, mesmo

dentro dessas leituras, há informações e conteúdos relacionados aos seus cursos. E a comunidade mais frequente nas opções dos entrevistados foi a religiosa e isso nos leva a uma quase unanimidade nas leituras realizada da Bíblia.

Quando pesquisamos sobre as práticas de leitura na universidade, verificamos que os graduandos usam para realizar as leituras exigidas pela academia, em média, 2,3 horas diárias. Os textos que leem, em geral, são capítulos solicitados aos quais tem acesso através de cópias xerográficas por serem mais acessíveis.

Ficou evidente ao pesquisar as práticas de leitura nas bibliotecas que essas são pouco frequentadas pelos universitários e que, quando vão a esses espaços, é pela motivação dada pelos professores ou pela necessidade de pegar algum livro em último caso. E a biblioteca em sua maioria é a da universidade, mas 2 (dois) dos entrevistados frequentam as bibliotecas de suas cidades.

Consideramos que a prática de leitura é encontrada na formação dos graduandos dessa pesquisa, porém é necessário trabalhar e incentivá-la ainda mais, porque o prazer é desvinculado da leitura acadêmica por parte de alguns, o que pode frustrar e desanimá-los quanto à prática. O que observamos é que as queixas de “têm muitos textos para ler” ou que “os professores passam textos que não entendemos” são reflexos de uma falta costume e frequência de leituras, o que torna o trabalho mais complexo e intenso para o ambiente acadêmico e seus docentes.

Sendo assim, entendemos que a universidade tem uma grande responsabilidade não só na construção dessa formação, mas também nas relações e interferências que fazem nas práticas de leitura desses alunos. Pois há dentro do meio acadêmico exigências específicas que influenciarão para que a leitura venha se tornar um dos principais recursos para a realização plena da sua formação acadêmica e social, visto ser ela fundamental para qualquer área de conhecimento. Desta maneira, concordamos com a “categoria” que Pavão (2006) faz em sua pesquisa: ela identifica na universidade uma dimensão que é formadora na trajetória dos seus leitores. Dada à importância do assunto, esclarecemos que é necessário o desenvolvimento de formas que possam contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura desses graduandos. Há um novo perfil de aluno e há a necessidade de “letrar” esse novo perfil.

Pode-se pensar também na política dos vestibulares que vem sofrendo intensas mudanças, principalmente, em relação à leitura. Há alguns anos, os vestibulares exigiam que fossem lidas determinadas obras para a realização da prova o que era indiretamente um incentivo à prática de leitura, mas, atualmente, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)

não faz essa exigência. E assim alguns alunos chegam à universidade sem nunca ter lido um livro na íntegra.

Concluimos, assim, que há entre nossa pesquisa uma semelhança com o que propõe Bortolanza (2011). Nesse sentido, vimos que a universidade precisa conhecer o perfil-leitor dos graduandos e desenvolver a formação leitora desses alunos dentro da academia, seja através de uma disciplina específica voltada para o trabalho com a leitura, seja através de comunidades leitoras ou de cursos de extensão.

E essa situação nos remete para a necessidade que se tem em buscar os meios para atingir a prática de leitura dos universitários para que, o envolvimento com a leitura, seja além do que é exigido pelo professor, e que passe a ser considerado como algo característico ao aluno e que dependa também de suas motivações internas e de sua boa vontade. O que será refletivo no uso das bibliotecas, porque, ao melhorar o hábito de ler, o universitário terá condições de tornar as bibliotecas mais populares e frequentadas o que vemos na pesquisa não ser uma realidade. Porém, a prática de leitura na biblioteca também pode e deve ser estimulada dentro da academia não só pelos professores, mas também pelos profissionais bibliotecários que possuem um conhecimento mais amplo sobre esse espaço e que podem criar situações que levem os graduandos a ter uma frequência mais assídua na biblioteca para a realização de leituras.

Sendo assim, vimos que os dados aqui apresentados indicam a necessidade que se tem de apoiar as leituras que estão presentes no dia-a-dia dos universitários garantindo para eles uma capacitação em que seja possível formar e aperfeiçoar as funções que a leitura exige.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Galeno (Org) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.
- DIONISIO, Angela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIN, Fernanda BENTES, Anna Christina (Org.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. v. 2 São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas de leitura, impressos, letramentos: Uma introdução In: _____. (Org.) **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 12-47
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Práticas De leitura. **Glossário Ceale**. 2011. Disponível em <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-de-leitura>>. Acesso em: 15.ago.2017
- BORTOLANZA, Ana. **Leituras e leitores na universidade: Realidade Brasileira e Portuguesa**. In: I Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa I SIELP, 2011, **Anais**. v.1, n1. Uberlândia: UFU, 2011. I
- CAVALLO, Guglielmo CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 2002
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____. (Org.). **Práticas da leitura** 5. ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2011, p.77-105
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. 213
- FAILLA, Zoara (Org) **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.
- FAILLA, Zoara (Org) **Retratos da leitura no Brasil 2**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.
- FERNANDES, Cláudio. "**Invenção da imprensa**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>>. Acesso: 5.out.2017
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Unesp. 2006
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed São Paulo: Atlas, 2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Editora Atlas 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

PAVÃO, Andréa. **Do leitor imaginário às imagens de leitores em uma universidade carioca**; Disponível em
<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0104.html>> Acesso em:
10.abril.2017

APÊNDICE A – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

SEXO: FEM () MASC ()

IDADE: _____

Curso _____ Período _____

Exerce atividade remunerada? SIM () NÃO ()

Em caso afirmativo, qual? _____

Em qual cidade você nasceu? _____

Em qual cidade você reside? _____

Em que tipo de instituição você cursou a escolaridade básica?

() Somente em escola pública.

() Somente em escola particular

() Parte em escola pública e parte em escola particular.

Outro. Qual? _____

Assinale a alternativa que indique a sua atual renda familiar

() Até um salário mínimo

() Um salário mínimo

() Entre 1 e 3 salários mínimos

() Entre 3 e 6 salários mínimos

() Entre 6 e 10 salários mínimos

() Mais de 10 salários mínimos

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. O que você gosta de fazer no seu tempo livre?
2. O que você está lendo no momento?
3. Quanto tempo faz que você está lendo esse último livro? Porque o escolheu?
4. Quantos livros você leu no ano de 2017? Quais?
5. Com que frequência você costuma ler um livro?
6. (Por que você lê)? () obrigação () por prazer () para adquirir conhecimentos () outros
7. A escola exerceu um papel importante na sua formação leitora?
8. Quem mais influenciou no seu hábito de leitura? Como você escolhe um livro?
9. Quanto tempo você geralmente demora na leitura de um livro?
10. Que tipo de livros você gosta de ler/você lê?
11. Quanto tempo você usa para leituras da universidade diariamente?
12. Qual a origem desses textos na universidade (xerox, Internet, empréstimo da biblioteca, pdfs e acervo pessoal) ?
13. Por que você lê mais esse tipo de texto?
14. Costuma frequentar bibliotecas? Qual as motivações para ir a uma biblioteca?
15. Com qual frequência costuma frequentar e quais os tipos dessas bibliotecas?
Escolar ou universitária () comunitárias ()
Empresas ou instituições ()
16. Quando você lê os textos da universidade, você geralmente lê alguns capítulos ou o livro inteiro?
17. O que você lê no seu trabalho? Ou em sua atividade remunerada?
18. Quanto tempo por dia você gasta com Internet?
19. Você já ouviu falar em livros digitais? Leu algum?
20. Caso tenha lido livros digitais, você leu em:
celular () Tablet () Notebook () Leitores Digitais Kindle, Kobo, ()
21. Quais as redes sociais e os aplicativos que você usa?
() Facebook () Twitter () Instagram () Whatsapp () Sarahah
22. O que geralmente você lê no Facebook?
23. Costuma ler mais o que as pessoas postam ou segue alguma comunidade?
24. Quais são suas páginas de like?

25. Estão mais relacionadas a que temática?

Eu Posso ver? E tirar uma foto dessas páginas?

26. Você participa de comunidades?

27. Você faz parte de algum grupo religioso/ ou de hobbie?

() musica () dança () filmes () skatistas () leitores ()

28. Quais são as leituras que você realiza voltadas para a seu grupo religioso ou de hobbie?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o senhor (a) para participar da pesquisa de graduação intitulada “Práticas de leituras de graduandos do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba”, desenvolvida por Valéria Lemos de Sousa Almeida, aluna do curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Prof. Me. Bruno Pereira Alves.

O objetivo da pesquisa é investigar as práticas de leitura realizadas por graduandos dos cursos do Centro de Ciências Humanas e Exatas que estão ingressando e saindo da universidade.

A sua participação na pesquisa é voluntária, o (a) senhor (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar, bem como nada será pago por sua participação e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Informamos, ainda, que não há riscos previsíveis para o participante da pesquisa.

Solicitamos sua permissão para a gravação da entrevista, como também a sua autorização para a utilização das transcrições das gravações e das respostas no questionário na pesquisa acima referida e em trabalhos acadêmicos decorrentes dela.

Por ocasião da publicação das transcrições na pesquisa e em trabalhos acadêmicos decorrentes dela, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Estamos a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Bruno Alves Pereira
Orientador da Pesquisa

Valéria Lemos de Sousa Almeida
Pesquisadora

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei cópia desse documento.

Monteiro, __ de Setembro de 2017.

Participante da Pesquisa